



Coisas **DA** *Vida*

LIH SANTOS



Coisas **DA** *Vida*

Lih Santos

1ª. Edição

2019

Copyright © Lih Santos

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Dedicatória



Esse livro é dedicado a todos aqueles que nunca deixaram de acreditar ou persistir em seus sonhos.



Agradecimento



Não se pode negar que talento é o primeiro e grande passo para atingir um sonho, mas ter pessoas que estendam a mão, que ajudam a percorrer esse caminho difícil que é o trajeto até atingir seu objetivo, é essencial e talvez indispensável. Sonhos não é apenas ser um grande cantor, autor ou ator é aquilo que faz você feliz e realizado. Ter talento é encantar, fazer algo de um jeito totalmente seu. Lembre-se: os lobos fazem parte do caminho, mas sempre haverá caçadores para resgatar a vovozinha. E eu quero agradecer aos meus caçadores, ou melhor, minhas três mosqueteiras que foram as primeiras pessoas a ajudarem meu sonho virar realidade quando nem eu acreditava ser possível. Gih, Carol e Mari, fica o meu agradecimento superespecial para vocês.

Prólogo



*“Eu fiz essa canção pro tempo
Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso”
(Canção pro tempo – Projota)*

Já teve um sonho ou quis muito algo e ninguém, além de você mesmo, achava capaz de conseguir?

Não por ser algo impossível, inimaginável, como um homem literalmente voar ou ser invisível, mas por todos duvidarem de sua capacidade em atingir tal objetivo. Acreditarem que suas origens são como uma âncora ou gaiola que te impede de ir atrás dos seus sonhos. Que você já nasceu com rótulo e todo o seu destino traçado.

Aliás, para uma garota negra de comunidade talvez realmente fosse impossível e inimaginável alcançar seus sonhos. Afinal, quantas pessoas negras bem-sucedidas você conhece? Não são muitas nem em livros, novelas ou fantasias, assim como são poucas na vida real. Nesse quesito a arte imita a vida.

Entretanto, eu quero ser uma dessas poucas porque uma hora nós seremos muitos. E quando formos muitos seremos ainda mais e mais. Tantos que ninguém mais duvidará, teremos “fala” e seremos vistos, ao ponto de que sermos bem-sucedidos se tornará um fato comum demais para virar notícia.

O que desejo, para muitos, é uma profissão ingrata que tem tudo para não dar certo. E eu concordo. Ser uma das maiores e melhores bailarinas não deve ser tarefa fácil. Não vai ser da noite para o dia e não vou ficar famosa no

primeiro *échappé sauté*. É um trabalho longo e de muita disciplina.

No entanto, nada irá me desviar ou abalar do meu objetivo. Nada e nem ninguém pode dizer que eu posso ou não posso fazer, por maior, distante ou difícil que tudo possa parecer. E eu sei que vai parecer.

Você deve estar se perguntando como esse sonho nasceu? De onde veio? Do que se alimenta?

O desejo nasceu de um filme que vi em uma loja onde mamãe trabalhava quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Fiquei encantada com os movimentos do corpo da personagem principal e a melodia que causavam movimentos tão lindos.

Aquilo que na época eu nem sabia o nome virou tudo que eu queria ser quando crescesse. Fiquei, após o filme, por muitas horas tentando imitar a atriz. Desde ficar nas pontas dos pés até seus saltos incríveis e tudo sem sucesso. Eu queria saber fazer cada gesto com a mesma leveza que a protagonista, mas meus movimentos eram sempre desengonçados.

Lembro que na noite daquele mesmo dia contei para meu melhor amigo Wesley como era bonito e simples os movimentos corporais que ela fazia ainda tentando os imitar.

Não eram tão simples como eu tentei mostrar para ele que se divertia com minha falta de coordenação e ritmo, mas no fim, a mãe dele foi quem entendeu do que se tratava e nos contou que todo aquele movimento desajeitado que eu fazia nada mais era do que o *balé*.

Meu sonho tinha nome e bastou uma fagulha para terminar de fixá-lo no meu ser. Essa fagulha foi quando no fim daquele mesmo ano no natal a mãe do Wesley me deu o DVD do filme de presente.

Foi na sala da casa deles, imitando a atriz que eu comecei os meus primeiros passos como bailarina. Na minha casa não tinha como reproduzir o filme e eles sempre me deixavam assistir e ensaiar lá.

Wesley sempre me presenteava com outros filmes de balé, às vezes me mostrava vídeos com novas instruções e coreografias e eu sonhava em saltar tão bem quanto as meninas dos vídeos. Sonhava com as sapatilhas cor de rosa, com *tutus* cheios de cores e claro, sonhava encantar as pessoas com os mesmos movimentos pelo qual um dia eu me encantei.

O tempo foi passando e mesmo sendo ainda muito pequena, eu sabia em meu íntimo, que apenas ver não era o suficiente para me tornar bailarina. Eu precisava de aulas, precisava de equipamentos e principalmente de dinheiro. Tudo o que eu não tinha.

Contudo eu não deixava de acreditar. Tinha muita vontade em perseguir com meu sonho e por isso “ensaiava” diariamente em frente a TV. Isso foi como uma boia que me manteve calma flutuando sobre o oceano que é o mundo de quem sonha.

Às vezes lembro com saudades como meus pais acharam lindo ver a menininha deles dançando pela primeira vez, mas isso não continuou quando os anos passaram e eles entenderam que não era apenas uma fase. Eu continuaria dançando na sala até poder fazer isso em um palco.

E assim vi mais um empecilho se formar entre mim e o meu sonho. Para papai e mamãe aquilo era coisa de menina branca com dinheiro e muito tempo livre. Que não precisava de dinheiro porque já nasceu com muito. Frescura. Vadiagem. Eu já tinha minhas obrigações dentro de casa e nenhuma delas envolvia dançar.

“A vida é um eterno sacrifício, um jogo de trabalhar para ter, você precisa abrir mão de muita coisa para ter comida na mesa e manter sua família, ninguém come sonhos, nem paga contas com amor”, foi o que papai disse quando contei sobre ser uma grande bailarina e eu sei que isso é verdade, mas ninguém disse que não podemos tentar.

Eu acreditava que foi por isso que eles não me impediram de tentar ou porque também nunca deixei de ajudar minha mãe nas tarefas de casa, nunca precisaram gastar nada com isso e nunca atrapalhou meu desempenho na escola. Porém, depois descobri que papai e mamãe na verdade, esperavam que eu desistisse da ideia com o tempo. Como não aconteceu o balé virou um problema, mais efetivamente quando fiz onze anos. Era hora de crescer, matar o sonho e conseguir um emprego como todas as crianças da comunidade. Eu já não era filha única, tinha três irmãos não muito mais novos que eu e mamãe estava grávida novamente.

Eu deveria estar em casa ajudando mais, cuidando dos meus irmãos ou em um emprego que pagasse o que eu comia em vez de estar na casa da vizinha dançando em frente à televisão. Balé é sonho. É amor e amor não coloca comida na mesa.

As brigas dentro de casa começaram e isso me entristecia muito, pois, a violência do lado de fora, na comunidade, já parecia sem fim. E o meu lar era o ponto neutro. Foi quando dançar virou válvula de escape. A linha tênue que me mantinha entre a realidade e o futuro melhor. Diferente. Onde brigas viravam passos de dança e as rachadas de tiros substituídas por notas musicais.

Naquele ano eu acreditava que iria conseguir. Os passos já fluíam em

mim com facilidade e eu conseguia realizar saltos com maestria tanto que tentei entrar escondida em escolinhas oferecidas por ONGs, mas elas precisavam de autorização dos pais e isso estava fora de cogitação. Eu não queria desistir, pois tudo parecia tão certo, mas dizem que quando tudo anda muito certo algo dará errado e foi o que aconteceu. A vida parecia querer me obrigar a acordar. A mãe do meu melhor amigo ficou doente, câncer em estado avançado, e rapidamente foi consumida pela doença. Wesley estava de luto e eu destroçada porque amava demais e porque ele não teria mais ninguém.

Foi minha maior perda, no entanto antes de falecer ela pediu para que eu não desistisse, pois a esperança em mim era linda e pediu também que sempre cuidasse de seu menino, isso me deu forças para continuar e eu tentei ser forte por Wesley, mas quando cinco meses depois a tragédia foi em minha casa, não suportei e por um tempo, deixei o balé na gaveta

Papai havia levado um tiro em um assalto ao sair do trabalho enquanto descalça eu aprendia um novo passo. Ele faleceu pouco tempo depois, antes mesmo de sua família chegar ao corredor lotado do hospital público. Ali, outras centenas de pais pareciam caminhar para o mesmo destino que o meu: a morte precoce e sem ninguém que zelasse por ele.

Aquilo rasgou o véu da minha inocência e precisei ver a vida como ela é. E ela se desenhava tão feia, triste e dolorosa que cheguei a quebrar todos os DVDs que me mantiveram longe do meu pai enquanto ele estava vivo. Chorei por horas lembrando suas broncas e seu jeito fechado. Ele raramente sorria e dificilmente chorava, mas estava sempre ali quando precisávamos.

Mamãe sem ele ficou perdida tinha medo de tudo, refeições se tornavam cada vez menos frequente e eu tinha medo de sair para rua e ter o mesmo fim que meu pai. O mundo era escuro e cruel. Nosso barraco virou um casulo de borboletas que parecia impossível de romper. Nele só se via medo e escuridão.

Dizem por aí que nos momentos difíceis nos tornamos mais fortes, aprendemos a crescer e neles surgem os verdadeiros amigos. O anjo da minha vida entrou em ação. Wesley apareceu em minha porta com um embrulho improvisado feito por ele mesmo com retalhos de sacolas de supermercado e fita adesiva. Quando rasguei o embrulho o mundo parou por alguns instantes e eu fui transportada em lágrimas para quando eu tinha cinco anos e admirava a atriz bailarina.

Ali, estava minha primeira sapatilha.

Usada, velha e quase rasgada, mas que costurou cada pedaço do meu

ser. Espelhou o primeiro sorriso emocionado no meu rosto depois de meses sem sorrir e reacendeu o brilho dos meus olhos.

Lembro-me até hoje das palavras de Wesley ao me ver abrir a caixa: *toda vez que você chora derrotada uma estrela para de brilhar, provavelmente a estrela que mais brilharia caso você estivesse sorrindo e tentando. Pois até mesmo depois de morta uma estrela segue brilhando e você é uma estrela. Então volte a brilhar, Thay.*

Wesley não era o garoto mais inteligente do mundo, mas sempre sabia do que eu precisava. Fez por mim o que jamais imaginei; trocou sua dor pela minha. Deixou suas feridas de lado para cuidar das minhas.

Naquele mesmo dia voltei a sorrir, a sonhar, a dançar e isso contagiou toda a minha família. Mamãe voltou a sua rotina, eu voltei a minha e tudo foi se ajustando. Em duas semanas mamãe foi chamada para um novo trabalho como empregada doméstica e certo dia, como não estava sentindo-se muito bem, me chamou para ir ajudá-la nas tarefas. E como se fosse dos planos de Deus, mamãe pediu para eu procurar uns produtos de limpeza em uma ala dos fundos da casa, acabei em um cômodo cheio de sapatilhas, barras e espelhos.

Estava no céu.

Sem me conter coloquei as sapatilhas e dancei sem música, só com as batidas do meu coração e dos meus passos no chão. Rodopiava fazendo os movimentos que aprendi. Sentia-me dançando para uma plateia imaginária enorme. Eu sorria para Well na primeira fila me aplaudindo sem parar, minha mãe ao seu lado sorria orgulhosa e meu pai chorava vendo sua menininha brilhar.

Fiquei tanto tempo assim, dançando de olhos fechados sorrindo emocionada, que quando cansei e deitei no chão esgotada ouvi palmas de verdade e me assustei. Levantando em um pulo, vi a patroa da minha mãe vestida como uma bailarina, parada diante de mim.

Por um momento pensei estar perdida por invadir seu espaço, mas dona Katia logo explicou que ela, apesar de já aposentada, foi uma grande professora de balé e sua única filha agora estava em seu lugar nessa linda profissão. E que adoraria me treinar, pois via talento em mim. Talento nato. Foi naquele instante que eu percebi ser real o que para muitos era impossível.

CAPÍTULO 1



*“O vento que te trouxe pra cá
Só peço que não volte jamais
Porque se ele perceber que deixou você
Vai querer correr atrás”
(Vento – Projota)*

Ergo o braço esquerdo imitando a professora e logo em seguida giro com o calcanhar elevado mantendo a postura e a leveza que o balé rigorosamente exige. Repito novamente o movimento dessa vez finalizando com um *grand plié* na terceira posição.

Olho pela parede de vidro atrás da professora e vejo Wesley acenar para mim, ele começa a rodar e saltar fingindo cair no chão isso faz com que eu quase erre o *changement* com o esforço para segurar o riso. É um palhaço esse meu namorado.

Todos os dias, desde que comecei as aulas aqui, Wesley depois do seu expediente em uma borracharia, vem me buscar para irmos para casa juntos.

— Thaynara esqueça seu namorado e acerte a postura. — ouço Verônica chamar minha atenção me fazendo desviar os olhos dele para a professora. — Quase errou o *changement* que sempre fez de olhos fechados. E agora fez um *grand plié* horrível. Mantenha o foco.

Verônica, a filha da patroa da minha mãe, foi minha professora por dois anos, apesar de hoje ela só dá aulas pela manhã para crianças continua acompanhando minhas aulas com uma professora que é amiga íntima dela e me

permitiu ficar em sua turma.

Verônica continua me acompanhando de perto, porque Dona Katia, sua mãe, pediu para que ela me tornasse uma incrível bailarina. A melhor. E tenho certeza que Verônica cuidará disso.

Ela parece ser a que mais entende tudo que o balé representa para mim, por isso viramos amigas apesar da diferença de idade entre nós. Verônica já passou dos trinta anos, é uma mulher linda, elegante, seus cabelos loiros raramente deixam de lado o *rabo de cavalo*, e dificilmente a vejo sem as sapatilhas e o *collant*.

Verônica Still, assim como sua mãe, fez história nacionalmente, estudou durante anos em uma das melhores escolas de balé dos Estados Unidos e tem muita influência no meio, ainda que hoje já não esteja mais tão presente nos palcos.

Por sua experiência e seu exemplo como profissional, para mim o que ela diz é lei. Seus conselhos vão me levar ao estrelato e Verônica sempre deixou claro que ser bailarina profissional demanda disciplina e sacrifícios, principalmente para objetivos tão ousados quanto os meus.

Veh sabe que o balé é minha esperança de vida. A chance de ouro para sair da pobreza.

Eu quero conquistar o mundo com meu talento para assim ter dinheiro suficiente para tirar minha família do barraco escuro e perigoso onde moramos. Quero dá sossego a minha mãe. Não aguentamos mais a violência diária, as trocas de tiros constantes, de ralar o dia todo e não poder dormir à noite.

Todos nós estamos cansados de viver no limiar da lei e do crime.

Acho que esse é o sonho de muitos moleques e *minas* de lá da comunidade; dar uma vida melhor para a família fazendo o que ama, entretanto tenho consciência que infelizmente nem todos vão conseguir e nem todos tem a chance que estou tendo.

Exatamente por isso e por ter apostado muitas fichas em mim que, de todas, sou a mais cobrada por Verônica. Ela sabe como o caminho é cheio de espinhos, mas sabe também que perto dos espinhos tem sempre uma linda rosa pronta pra desabrochar basta saber cultivá-la.

— Leveza nos braços Thaynara. Lembre-se em cada movimento você precisa ser a seda mais delicada. Braços na sexta posição. — Verônica pede — Estique mais um pouco os braços, pés na ponta, e cuidado na finalização dos saltos. — Ela mostra duas vezes como devo fazer, corrigindo meu movimento errado e eu a imito. — Muito bom. Agora sim você conseguiu.

— Magnífica! Sempre pega tudo muito rápido. — Ângela, a outra professora, elogia.

Meu sorriso é largo. Cada elogio delas, cada passo acertado para mim é como subir um número na posição da escala da vida onde o pódio é o sonho realizado.

Repito o movimento mais duas vezes antes de fazer toda a série. Sinto o suor descer por meu rosto e o corpo cobrar por descanso, já estou ensaiando há seis horas, mas sinto-me realizada quando viro finalizando a coreografia e vejo admiração no olhar das minhas duas professoras.

— Maravilha, Thaynara.

— Sim maravilhosa — Pró Ângela concorda — Sei que está muito cansada e os ensaios estão cada vez mais longos mais exigentes, não apenas para você Thay, que se Deus quiser irá representar nossa escola na turnê “BalletArt”, mas também para as outras meninas, apesar de terem sido liberadas mais cedo hoje — esfrego as mãos nervosa só de pensar na apresentação. — Enfim, esse fim de semana terá descanso para todas, principalmente para você, até lá é ensaio pesado... Está liberada por hoje.

Vejo Ângela sair e me encaminho para a porta com o intuito de fazer o mesmo, porém Verônica me detém.

— Thay, chegue mais cedo amanhã. Andei estudando algumas coreografias que podem ajudar na elaboração da sua. São movimentos complicados, que exigem muita flexibilidade e um domínio de corpo que sei que você tem. Tenho certeza que irá conseguir fazer todos com facilidade.

Confirmo com um aceno, sei que preciso sair mais do trabalho, mas toda vez que me falam sobre o teste eu fico muito nervosa. Essa será a quinta sessão de movimentos que ela me passa desde o anúncio de que ocorreria pela primeira vez uma seleção desse nível e que eu fui uma das selecionadas para a pré-seleção.

Preciso elaborar duas coreografias perfeitas para dançar na pré-seleção e outra para o festival que decidirá qual bailarina vai ser a escolhida para sair em turnê pelo mundo junto com os alunos da escola “BalletArt”. Uma escola norte-americana de muito prestígio. É no auditório dessa escola que irei me apresentar. NOS ESTADOS UNIDOS.

Nunca saí da minha cidade, tampouco me apresentei para uma plateia grande até porque minha plateia geralmente é Well. Vai ser um desafio exatamente por isso.

— Obrigada, Verônica! Sem você nada disso seria possível. Só de

imaginar que em um mês estarei em um avião para os “*States*”... Que dançarei para uma plateia seleta me dá um frio na espinha — confesso em um misto de sensações.

O júri escolhido é extremamente rigoroso. A coreografia tem que ser perfeita. Só as melhores entram e eu serei uma delas.

Não sei quem me inscreveu, já que ninguém se pronunciou, mas imagino que tenha sido Verônica. Não questionei, mas sou grata a ela. Sou muito grata, pois a ganhadora além de ingressar em uma turnê com uma das melhores escolas de balé dos Estados Unidos por dois anos, também ganhará um prêmio em dinheiro para a escola que a revelou e para ela mesma. Só de estar em um evento que tem a atenção de pessoas importante da área e que podem gostar da minha apresentação já é uma vitória.

— Vai conseguir. Você vai encantar como sempre faz. Você tem muito talento nato eu só fiz lapidá-lo com técnicas e desafios — Segura minhas mãos em um gesto que seria impossível quando nos conhecemos. Verônica no início não batia comigo, mas com o tempo, paciência e talento a conquistei.

— Você e sua mãe me deram tudo, nunca vou esquecer isso. Pagam meus estudos em um dos melhores colégios da cidade. Tornaram meu sonho real. Então quero tudo que puder me ensinar.

Pelo nível da escola sei que as coreografias estão cada vez mais difíceis e que por acreditarem em mim e compreender a enorme concorrência, muitas vezes, Ângela e Verônica exigem que me esforce até o limite da exaustão. Sei que meu sonho nesse momento exige que tenha menos vida social, menos tempo para mim, no entanto, sei também que serei recompensada futuramente.

— E por isso mais uma vez peço. Não deixe nada ficar entre você e seu objetivo — aperta forte minhas mãos — Por isso, Thay, por favor, peça para seu namorado chegar mais tarde e esperar do lado de fora ele a distraí e tira você do seu objetivo. Sei que o ama e que é um bom rapaz, mas...

— Mas... — insisto que continue mesmo sabendo aonde ela quer chegar.

— Só um conselho sempre coloque a carreira acima do amor. Seja ele qual for.

— Verônica, eu sempre prezo pela sua opinião, mas Well não me atrapalha, pelo contrário. E eu consigo cuidar dos dois. Meu amor e minha carreira estão lado a lado.

— Você é jovem ainda, imatura, no futuro vai me entender. — avisa — Agora vou indo. Até amanhã. — Despede-se com um beijo no ar saindo sem

esperar resposta. Faço o mesmo só que em vez de pegar o corredor para a saída vou para o vestiário trocar de roupa.

Não é a primeira vez que ela me dá esse conselho, aliás, meu namoro para ela sempre foi “ô” problema. Verônica diz que sou jovem demais e imatura, como tenho quase dezesseis anos concordo com ela nesse quesito, só tenho medo de um dia me ver entre meu sonho e Wesley. Não quero escolher entre um ou outro se posso ter os dois. Os dois fazem parte de mim e os amo muito.

Sei que caso eu passe e seja escolhida ficarei três anos – um ensaiando e os outros em turnê – longe dele e ele também sabe disso, ainda não conversamos profundamente sobre esse assunto deixamos para quando acontecer, afinal, não adianta sofrer por antecipação.

Em frente ao espelho abano a cabeça para me livrar desses pensamentos. Já vestida com a roupa que vim de casa e pronta para sair da escola *Ballet is my life* solto e ajeito meu Black.

Mal coloco os pés na calçada e vejo o homem que ilumina meus dias sentado à beira da calçada. Homem não, garoto ainda. Wesley, apesar do bigode e das responsabilidades que carrega é apenas cinco anos mais velho que eu.

Começamos a namorar há nove meses e mesmo com minha mãe aprovando nosso namoro sei que em parte ela concorda com Verônica, preciso estar sozinha para focar melhor no meu objetivo. O sonho agora, seria ganhar dinheiro com isso e namorar depois.

Após a morte do meu pai e todo o período obscuro que tivemos mamãe passou a apoiar o balé, não 100%, mas já foi um avanço... e detesto ter que ficar nessa posição. Antes de estar apaixonada por Wesley eu concordava em não namorar, mas agora é diferente. Tenho um medo bobo, admito, de que ele se apaixone por outra. Além do mais quero viver esse sentimento agora.

Claro que nunca imaginei namorar o menino que brincava comigo no chão de terra até ter lama em toda parte do nosso corpo. Nunca pensei que me apaixonaria pelo menino levado que sempre gostou de ouvir rap, principalmente *Projota*, que adora falar gírias e o português errado só para provocar e dizer que fala a língua do *gueto*, mas que tem uma sabedoria e uma maturidade incrível.

Que eu namoraria o menino dos *corres*, o que vivia com as pernas raladas de pular murros e jogar horivelmente futebol. Jamais imaginei que meu amigo da vida toda, dos momentos bons e ruins, que sufoca suas dores para ajudar a cicatrizar as minhas, fosse virar o garoto por quem suspiro apaixonada.

Apesar da pouca idade e do riso fácil Well já aguentou uma barra sozinho. Perdeu a mãe com quinze anos e precisou virar adulto antes do tempo

em um mundo tão ingrato e tão indiferente a nossas lutas diárias, e em meio a sua dor ainda teve forças para me estender as mãos quando meu peito sangrou.

Sei que ele tem se saído bem na batalha que é cuidar de si mesmo, sempre foi o homem/garoto da casa e cuidou de sua mãe até o ultimo dia que o câncer a permitiu viver.

Cuidou de mim.

O menino que mesmo sem nunca ter tido uma figura paterna para se espelhar é um bom rapaz. A minha falecida sogra foi abandonada com cinco meses de gravidez e o infeliz nunca retornou e mesmo em meio a tanta tribulação descobrimos a força do amor.

— Demorou pra caralho hoje. — reclama quando percebe minha presença a suas costas. — Treinou muito? — Ele sorri levantando-se do meio fio, tenta me beijar, mas desvio. — Qual foi?

— Wesley você me atrapalhou no ensaio e a Verônica chamou minha atenção.

— Foi mal... é que anda tão tensa, fazendo tantas aulas... *Tava* tão séria que pensei em arrancar esse sorriso lindo que *cê* tem — dá de ombros me fazendo revirar os olhos. — Deixe-o sempre no rosto e tenho certeza que não vai errar mais nenhum passo.

— Bobo. Como se fosse fácil assim. Preciso dar além do meu melhor.

— Eu sempre vejo *cê* dando além do seu melhor — Segura minhas bochechas com os dedos roubando um beijo.

— Obrigada por me esperar até agora.

— Disponha — diz fazendo a referência de um mestre sala de escola de samba.

— E pode falar direito que eu sei que *cê* sabe — digo fingindo estar brava o que só faz ele gargalhar.

— É a linguagem do gueto, gata. As novinhas gostam. — Brinca me apertando em seus braços. Reviro os olhos e belisco seu braço.

— Ridículo. — Empurro seu ombro, correndo em saltinhos, tentando não rir. Sempre vamos até em casa brincando e sendo os amigos que sempre fomos.

Wesley me alcança, segura minha mão e cansados da corrida continuamos agora andando em direção ao ponto de ônibus. O sorriso nasce quando lembro do seu jeito desleixado de andar, arrastando o chinelo no chão.

Ele está de blusa de manga comprida e calça jeans suja em várias

partes de graxa e terra devido ao serviço como ajudante na borracharia. O boné vermelho sempre na cabeça é para esconder o cabelo que já faz tempo sem raspar.

Well tem um jeito bem particular de ser, de agir, de vestir, andar e falar. Talvez por isso Veh implica tanto com ele. É um inconstante. No início eu também tinha um jeito meio *maloqueira* que com o tempo foi quase totalmente substituído por um mais elegante. Até porque agora estudo em um bom colégio e vivo tendo aulas de como devo me portar.

Verônica me aconselhou que devemos ser sempre elegantes e como o que ela diz para mim é lei, adotei um estilo mais culto.

— Como foi no trabalho hoje?

— Meio parado. — murmura. — O movimento anda ruim lá... Pensando em conseguir outro *trampo*. Um que pague melhor.

— Pode ser... Ou poderia volta para o colégio a noite e arranjar um trampo que não tome seu dia todo...

Well largou os estudos quando a mãe morreu apesar de nunca ter sido o melhor aluno da sala. Ainda se dava ao trabalho de ir e não repetir.

— Não levo mais jeito *pra* escola. — faz uma careta. — E a noite é quando temos mais movimento, todas as outras já fecharam.

— Well...

— Não começa vai. — pede fazendo cara de choro. — Pensei em relaxarmos um pouco hoje à noite lá em casa.

— Não posso relaxar... — Começo uma negativa e ele logo deita a cabeça em meu ombro e sei que está com cara de cachorro sem dono. — Não começa. Você sabe o quanto tenho que ensaiar esses dias.

— Só um sorvete.

— Preciso dormir cedo e me alimentar bem.

— Lá em casa *mermo*. E prometo que *vamo* dormir cedo.

— Está bem. — concordo — mas só UM sorvete.

— Só um. — concorda sorrindo abraçando minha cintura. — Só um.
— Repete me fazendo duvidar de seus planos.

Não canso de pensar como tenho sorte em tê-lo na minha vida. Ele me apoia, nunca disse que eu não conseguiria. Me ver como sou. Sabe meus defeitos e minhas qualidades. Ama-me e me lê como ninguém. É um achado.

Well fez meu mundo ter cor quando tudo era escuridão, fez os momentos difíceis terem risos e mostrou que a vida é uma constante luta de boxe

quando eu pensava que estava na primeira rasteira era nocaute. Wesley torcia por mim, dizia que o importante é levantar e encarar os problemas de frente ainda que ele seja enorme ou que suas feridas estejam sagrando e doendo mais do que acha que pode aguentar.

Wesley sempre esteve ao meu lado, literalmente. Ele e eu crescemos juntos afinal, moramos na mesma comunidade e na mesma rua. Sempre nutrimos uma amizade que todos sabiam que viraria amor e acabaríamos juntos como namorados, menos nós dois. Até que um dia, enquanto assistimos um filme, nos beijamos e estamos bem até hoje. Muito bem.

Ele é meu pilar, o meu amor, ele é o como o vento me ajudando a voar ainda que eu esteja sentindo meus pés no chão. E eu? Eu sou aquela que ele sempre poderá contar.

CAPÍTULO 2



*“Um dia sem você é triste, uma semana é maldade
Um mês não existe, dou meus pulos, atravesso a cidade
Junto dinheiro pra financiar a viagem”
(Chuva de novembro – Projota)*

Entro no *busão* exausta, me jogo logo no primeiro banco que vejo. Well vai em pé ao meu lado porque deixou seu banco para uma velhinha. Ele sempre faz isso e por isso não me canso de admirá-lo em todos os sentidos da palavra.

Olho pelo canto do olho seu perfil pensando que considero-me uma garota comum, nenhuma beldade hollywoodiana, mas não sou feia, apesar de ter herdado a testa grande da família paterna, gosto do que vejo no espelho. Agora, Wesley é lindo. Mesmo meio magrelo, mais alto que a média dos meninos que conheço, apesar de sua pele negra conter umas cicatrizes aqui e ali e das mãos calejadas, ele é lindo. Seus traços e defeitos da vida que de algum modo parece elevar sua beleza.

Nunca foi briguento, mas não mexa com ele.

Meu menino tem riso fácil e alma boa. É lindo de todos os lados, mas tem gênio forte.

Vejo Wesley retirar o boné que é sua marca registrada e coçar a cabeça. Ele adora esse boné, minha mãe e a dele, quando viva, detestavam. Achavam que ficava estranho e diziam parecer coisa de vagabundo. Já eu o acho bonito de qualquer maneira.

A pessoa ao meu lado desce e ele logo pega o lugar, pois entra ainda mais pessoas e quase me sinto sufocar. Nunca me acostumo com espaços fechados e cheio de gente amontoadas.

— Sabe que não precisa vir me buscar todo dia, não é?! — indago quando ele boceja — Deve estar cansado. Pega cedo lá e fica até tarde me esperando...

— Preciso. Não vou deixar cê andando sozinha por aí a noite. E a oficina fica perto. Só preciso esperar você acabar a aula. — Ele coloca os braços no meu ombro e beija meus cabelos. — Thay, quando será a tal apresentação mesmo? Queria ver.

— Ainda falta tempo, mas vou falar com a Veh para que ela consiga te colocar lá dentro no dia... se eu passar no primeiro é claro...

— Você vai passar.

— De qualquer modo... Você precisa pagar a passagem, já que só tenho direito a uma acompanhante e queria que fosse Verônica. Eu preciso de uma “professora” lá.

— Não se preocupe. Estou juntando *pra* comprar.

— E alojamento também. — digo me sentindo culpada.

Sei como ele trabalha diariamente para colocar comida em sua mesa e pagar suas contas, pois é a mesma luta de todos nós da comunidade e um gasto como esse é muito longe de nossa realidade.

— Só ficarei uma noite. Depois da sua apresentação *vazo*, mas quero te ver, ficar com você, matar a saudade de ficar mais de uma semana tão longe.

— Também quero que vá. Tentei ver se você ficava com a gente no apê, mas Verônica não deixou que ficássemos juntos nem por uma noite.

— Imaginei, a sua amiga me odeia. Por ela você *tava* solteira. — ele diz e resmunga algo a mais que não consigo ouvir, mas não questiono o quê.

— Não é assim. Ela só acha que relacionamentos atrapalham. — justifico, porém percebo que esse pode ser um campo perigoso e por isso decido desviar um pouco do assunto. — Estou ansiosa é a chance da minha vida que se desenha a minha frente.

— Vai mandar bem.

— Obrigada pelo apoio. — Aproximo meu rosto do dele — Todos achavam um sonho impossível, às vezes até eu mesma e agora...

— Não é impossível, é difícil... Até entendo seus pais. Eu também tenho medo desse sonho acabar sendo sua única motivação de vida ou que vire

uma burguesinha como sua professora e assim parar de amar o garoto que às vezes não sabe falar o português direito.

— Ah, nunca vou deixar de amar esse garoto, ele pode falar todos os idiomas errados que ainda vou amá-lo. — Agora foi minha vez de roubar um beijo dele. — Viu como tenho um namorado maravilhoso? Ele me faz ser pé no chão.

— Preciso ou acabo perdendo minha mina *pra* Verônica.

— Aí como você está chato hoje.

Ficamos um tempo lado a lado em silêncio. Apenas curtindo a companhia um do outro. Não estamos com as melhores aparências, nem com o melhor odor, após um dia inteiro correndo para lá e para cá, só que isso não nos incomoda. Dar um ar de intimidade e companheirismo.

— Sua mãe falou comigo hoje — solta do nada quebrando o silêncio e me deixando curiosa — Parece que precisa de mais serviço...

— As coisas estão cada vez mais difíceis para nós e depois que papai morreu... — Respiro fundo, pois a lembrança ainda é muito dolorosa — às vezes me sinto ingrata, afinal, poderia trabalhar mais ou ajudar mais em casa. Minha mãe está com muita dificuldade em nos manter, se foi te falar isso é porque estamos indo além do fundo do poço. Além de trabalhar o dia inteiro como empregada, ela voltou a costurar mesmo com as dores de coluna e nas vistas... Eu não contribuo muito... meio período como babá não está cobrindo nem a feira do mês.

— Relaxa. — pede repousando seu braço atrás no meu ombro — Estou aqui e vou ajudar no que precisar, pelo que sua mãe me disse está ensinando sua irmã a costurar, então será uma ajuda a mais. Não tô te falando isso pra ti preocupar, é só para você ficar ligada.

— Agradeço a preocupação, você já ajudou muito, mas sei que tem suas coisas.

— São só coisas. Nada é mais importante que te ver sorrir e sua família é minha família também — Bagunça meu cabelo implicando igual quando éramos crianças.

— Ai, para com isso, meu cabelo já está horrível e sujo. — Tento prender a juba, pois sempre chama atenção e está horrível, mas Wesley me impede.

— Tá lindo. Você tá linda. Amo cada cachinho enroladinho do seu cabelo — beija a ponta do meu nariz e sorrio sabendo que isso é verdade.

— Bobo.

Todos no ônibus devem estar nos assistindo, alguns já devem estar acostumados, pois sempre fazemos o trajeto conversando e às vezes trocando carícias.

Wesley sorri fazendo com que eu me perca em seus lábios. Sabendo que posso, beijo-o, mas infelizmente não dura muito logo nos afastamos, pois, o ônibus finalmente chega ao nosso ponto.

Agora é um curto trajeto até a entrada da comunidade onde moramos. Então casa. Sorvete. E grandes doses de Well.

CAPÍTULO 3



“E quando chega as 10 a gente deita juntinho
E torço só pra nunca chegar o fim
Fico lá te olhando, admirando e pensando assim
Meu Deus isso tudo é só pra mim? ”

(O vento – Projota)

— Wesley cadê o sorvete? — questiono vasculhando o congelador da geladeira da casa dele.

Não tem muita coisa então devo estar cega para não enxergar o pote de sorvete, aliás, pote com sorvete, porque pote de sorvete tem uns três, todos com tudo, menos sorvete dentro.

Fecho a geladeira exasperada pelo cheiro das vasilhas. Tem umas que com certeza o que tem dentro já não serve para consumo. Não sei para quê coisas de gelar em uma casa sem energia. Só para perder mesmo. Namoro um louco.

Já tomei banho agora estou com a roupa dele, me adiantei tomando banho antes dele, nós precisávamos de banhos de verdade depois de dias longos de trabalho e ensaio, então agora enquanto ele se arruma procuro pelo sorvete sem sucesso.

— Que sorvete?

— Como assim que sorvete? — Viro, para encará-lo, mas resulta difícil, pois ainda estou acostumando com a pouca luz que as velas fazem. — Você me... — Ele ergue a sobrancelha de modo sugestivo e a ficha cai. Claro que

não é tomar sorvete o que ele quer — não acredito que cair nessa.

— Quando envolve sorvete você sempre cai.

Wesley, apenas de bermuda, se aproxima e sei muito bem que o sorvete na verdade é fazer sexo com ele. Estou ciente que estou falhando como namorada não dou mais a atenção necessária para ele e já faz um tempo que não dormimos juntos. O que só aconteceu três vezes e a última há dois meses. Wesley foi o primeiro garoto com quem tive relações sexuais e espero continuar assim.

— Você é um mané — xingo fazendo ele sorrir. Cruzo os braços fingindo estar zangada.

Meu menino não é *malhadão* como os caras da televisão, e mesmo magro seus músculos são desenhados pelo trabalho braçal que sempre fez e ele sabe que me atrai em todos os sentidos. Sabe que o desejo como uma mulher deseja seu homem.

Ando tão cansada, que agradeço todos os dias de já está quase terminando os estudos. Mesmo quando nos encontramos na miséria total nunca deixei de ir para o colégio e nunca reprovei.

— Um mané que te ama e admira muito... Principalmente quando acorda pela manhã e te ver em seus braços.

— Eu também amo e admiro esse mané... — sussurro de olhos fechados sentindo sua mão no meu pescoço e sua respiração bem próxima do meu rosto. — E gosto de acordar nos seus braços. — confesso corando.

Deslizo as mãos por seus braços nus antes de sentir seus lábios em minha bochecha, fecho os olhos, ao mesmo tempo que ele percorre um caminho lento e sensual até minha boca. Sinto o metal frio da geladeira nas minhas costas enquanto sua boca toma a minha em um beijo calmo, mas repleto de desejo. O que comprovo ao sentir sua ereção.

O interior de sua boca tem um gosto acentuado de menta, isso me faz saborear com mais avidez, desejando sentir mais do frescor de sua boca. Mais de pele e mais calor de seu corpo.

O beijo se prolonga deixando de ser calmo e só paramos quando o ar não é mais o suficiente para nosso beijo. Então nos separamos, ofegantes. Ele roça seu corpo no meu antes de indagar olhando em meus olhos:

— Você quer?

— Quero. — sussurro igualmente afetada pela vontade de ir mais além.

Caminhamos sem nos separarmos até o colchão improvisado. Com cuidado nos deitamos. Ele por cima de mim, sem nunca deixar de nos beijar ou tocar buscando aflorar ainda o desejo. Não me importo com o fato daqui não ter cama apenas um colchão velho no chão. É humilde, mas é tudo muito bem limpo e o melhor de tudo tem calor humano, tem o peito do Wesley como travesseiro, seus braços como lençol e nós dois juntos como um enquanto fazemos amor.

CAPÍTULO 4



*“Porque eu já vi sua situação, suas panela no fogão
Sua chinela sem cordão, sua favela, seu colchão
Sua sequela, podridão, seu caderno sem lição”
(Rezadeira – Projota)*

Olho para cima em meio à escuridão tentando focar no telhado improvisado do barraco onde meu namorado mora. Às vezes esqueço que aqui está há um tempo sem energia elétrica, principalmente porque ele gosta de usar velas até quando tem, é uma forma de economizar energia já que vem sempre mais do que podemos pagar.

O fato da situação dele ser pior que a minha me faz querer levá-lo para morar com a gente e também me faz ser grata pelo pouco que tenho. Por mais pouco que seja sempre terá alguém com menos que eu.

Toda manhã quando acordo penso sobre isso. Lá fora vai ter alguém pedindo pela vida que eu reclamo. Pelo que eu tenho. Pelo que para muitos é nada e é por isso evito reclamar, basta abrir a janela para ver pessoas em situações piores que a minha e mesmo assim agradecem por estarem vivos.

Ainda sou muito abençoada tenho saúde, um teto, refeições, oportunidade e minha família. Nada em grandes proporções e às vezes a comida mal mata a fome, mas para ele nem isso e ainda assim ele não reclama, só vai atrás de garantir a de amanhã e que para mim nunca falte.

Ter Wesley ao meu lado faz minha luta por uma vida melhor ser mais ávida e desesperada. Ele parece não ter sonhos nem perspectivas apenas vive

pelo agora. Isso é uma das coisas que Verônica mais aponta. Eu quero ser grande, ele quer descolar o rango de hoje à noite aceitando qualquer trampo para isso. Eu quero ganhar o mundo, ele quer ter uma cama para a gente dormir.

Eu quero mostrar aos milhões de Wesley`s, que é possível sim, sonhar. Que a vida é bem mais que o rango de hoje e o café de amanhã.

Suspiro pesadamente brincando com a gola da camisa dele que estou vestindo.

— Que foi? — quebra o silêncio parando o carinho que fazia nas minhas costas. — Não gostou?

Sorrio girando para ficar de frente para ele. Aproveito para sentir seu cheiro e beijar seu peito.

— Claro que gostei Well... Só estou pensando que você não tem um sonho.

— Ah não, lá vem você com essas coisas... — resmunga — Meu sonho é ser o marido da melhor bailarina do mundo e poder falar que ela ficava comigo sem nem ligar que eu não tinha porra nenhuma além do meu amor por ela.

— Seu amor por ela é o que a tornou melhor — digo sorrindo — Falando sério agora e sem palavrão... Qual seu sonho? Algo que você quer muito um dia. Uma conquista pessoal. — apoio meu queixo no seu peito.

— Quando eu era pequeno queria ser jogador de futebol...

— Você é péssimo jogando futebol.

— Pode *pá*, — rimos, logo depois ele suspira ficando sério. — mas sei lá, quando minha mãe adoeceu eu queria poder ter feito mais por ela e fiquei dias lendo sobre médicos, medicina, câncer e depois teve seu pai... Morreram por falta de tratamento ou atendimento necessário, fiquei muito tempo desejando ser inteligente *pra* entender mais, para ajudar mais. — ele brinca com os cachos do meu cabelo — Me senti inútil muitas vezes ao pensar que podia ter me dedicado mais ao colégio para poder fazer uma faculdade... E até desejei saber orar, ser mais chegado em Deus *pra* pedir por um milagre.

— Primeiro todos nós somos chegados a Deus e segundo você é inteligente, mas precisa voltar para a escola. Você nem concluiu o ensino médio.

— Como vou estudar? Preciso ralar muito todos os dias ou não vou ter comida na mesa e nem como ajudar sua família.

— Sou grata por tirar do pouco que tem para nos dar, mas é hora de ser um pouco egoísta e lembrar-se de você. — levanto de seu peito sentando sobre

minhas próprias pernas — Well todos nós podemos ter um futuro diferente além desse que se apresenta.

— Thay...

— Well, eu também passei fome, eu também tive várias doenças que apenas uma vacina ou condições de vida mais humana me livraria de ter. Eu passo dificuldades assim como meus pais e como os pais deles...

— Thay, eu sei das suas lutas...

— Me deixe terminar de falar — peço limpando o suor do meu rosto. Está muito quente hoje. — Eu não quero que meus filhos nasçam sem pai ou larguem o colégio como o pai deles...

— Tá terminado comigo? — indaga enrugando a testa.

— Não, claro que não. — Olho para o teto — Estou tentando dizer que... Quando as pessoas digam: *nossa! Negro com diploma? Impossível*. O meu filho tenha um, mas não para se exibir para o preconceituoso e sim para mostrar para aquele menino sujo e desnutrido que brinca em um córrego que é possível sim. Para mostrar para a mãe que chora todas as noites sem saber o que será de seus filhos que há uma chance. Quero que ele tenha em seu pai um herói. Que seja meu filho na vaga de presidente da empresa ou no papel principal do filme.

— E se ele for o funcionário ou o figurante?

— Eu quero saber que ele tentou. Eu quero que ele tenha a oportunidade de tentar pelo menos. Se ele for o funcionário ou figurante que seja por escolha dele e não imposto pelo medo ou por quem apontou o dedo. Nós somos nossos maiores desmotivadores quando colocamos na cabeça que não vamos conseguir. Da mesma maneira como somos nossos maiores incentivadores. O importante é pelo menos tentar. Faça dos conselhos que me dar, seu objetivo de vida.

— Tem razão. Eu vivo te incentivando a nunca desistir e faço o contrário. Vou voltar a estudar ano que vem.

— Promete?

— Prometo que vou tentar.

Pulo em cima dele beijando todo seu rosto. Fico em êxtase por tê-lo convencido a querer ao menos tentar, sei que ficarei imensamente feliz em poder ajudá-lo com os estudos.

— Agora preciso ir para casa... Daqui a pouco mamãe acorda e vai implicar comigo.

Dei um pulo em casa, antes de vim para cá, para confirmar que

estavam todos dormindo. Mamãe não gosta que eu passe a noite com Well. A ideia de eu começar a transar a apavora. Acho que tem medo que eu termine grávida. Alimentar uma criança quando mal temos para nós seria complicado, no entanto, como ela dorme cedo para acordar de madrugada dou umas fugidas para ficar a sós com Wesley.

— Fica. Passa essa noite aqui comigo. — pede me apertando em seus braços — Estou com saudades.

— Eu também, mas sabe que se eu ficar vamos acabar dormindo altas horas da madrugada e vou passar o dia inteiro com sono — digo imaginando que já passou da meia noite.

— É por uma boa causa.

Bocejo puxando sua camisa para cobrir minha bunda enquanto brinco com a grossa corrente de prata que estava em baixo de seu travesseiro.

— Onde conseguiu isso? — indago desconfiada. Parece cara. Tenho medo de que as coisas erradas que os moleques daqui fazem para sobreviver o atinja.

Como se quisesse ganhar tempo. Wesley pega o lençol fino na extremidade da cama nos cobrindo com ele e me apertando em seu abraço. Não está frio, ainda que estejamos quase totalmente nus.

— É de um amigo.

— Wesley... — chamo em advertência.

— Já fiz coisa errada?

— Não.

— Já andei com gente errada?

— Não... — Estreito os olhos — Amigo mesmo? O que está fazendo embaixo do seu travesseiro?

— Sim, amigo, não amiga. — Sorri — Ele dormiu ontem aqui e esqueceu... escondi antes de ir trabalhar. Sabe que os *noias* vivem invadindo os barracos quando os donos saem.

— Hummm...

— Relaxa, jamais entraria em roubada por besteira. E muito mesmo trairia você.

— Assim espero e amor para de guardar restos de comida na geladeira estão ficando ruim.

— São restos de comida que a vizinha pediu para guardar, são dos cachorros da rua.

Um som já bastante conhecido soa nos interrompendo e fazendo meu corpo estremecer. Rachadas de tiros. Está longe, tenho consciência disso, o que não impede o medo me atingir com tudo e as lágrimas de descerem.

Toda vez que ouço esse barulho por mais distante que seja é como se eu perdesse meu pai novamente. E como se fosse uma certeza de que outra criança perderia o dela. Aperto-me nos braços de Well como se ele pudesse me proteger de tudo.

— Shiii... Calma! Não é aqui na comunidade.

— Eu sei... — digo entre os soluços do choro — mas esse som me apavora. Ele levou meu pai covardemente... Estou cansada de ouvi-lo, sempre vem precedido de alguma notícia ruim e muito dolorosa.

— Sei que isso te afeta... Thay, todos nós gostaríamos de parar de ouvir, — Segura meu rosto entre as mãos — Eu também tenho medo, mas infelizmente faz parte de nossa rotina. O medo é tudo que nos resta o medo.

— E a fé. Podemos orar quando sentimos medo. — digo tentando controlar o choro e os tremores do meu corpo. Libero-me de seu abraço e sentada sobre minhas pernas, seguro as mãos dele, fecho os olhos pedindo a Deus para o barulho cessar logo e não ter atingido ninguém.

Esses dias a comunidade está calma. Hoje os tiros são em algum lugar próximo daqui, mas nem sempre é assim. Meses atrás eu dormia chorando com medo de que algumas dessas balas perdidas fossem encontradas no corpo de algum conhecido e orava assustada deitada no canto da parede do quarto com o barulho dos tiros e revivendo a dor da perda do meu pai.

Chorava de medo por mim, pelo Wesley sozinho em casa. Tinha medo de sair e ir ficar com ele, assim como meus irmãos hoje tem medo de brincar na rua, eu também tinha. Eu tenho medo de não ver mais minha mãe quando ela sai de madrugada para trabalhar e me deixa tomando conta dos meus irmãos até a hora do colégio.

Medo de minha última lembrança dela ser em um velório. Medo de ela ter que enterrar um dos filhos com as mãos sujas do sangue dele. Medo dos meus irmãos serem alcançados pela maldade e se percam do caminho justo.

Hoje as trocas de tiros ainda existem, assim como o medo, mas não o suficiente para me prender em casa e me impedir de viver como nos meses seguintes a morte do meu pai. Não sou mais refém do medo ainda que ele viva presente em mim.

— Pode orar o quanto quiser... — Wesley murmura quando aperto suas mãos durante minha oração silenciosa.

— Ora comigo?

— Não sei orar. Não sou...

— Não precisa saber Well, basta crer. Isso é fé. E qualquer um pode ter intimidade com Deus.

— Você realmente acredita nisso? Acredita nEle?

— Sim. E sei que o hoje é um presente dEle para me fazer tentar novamente o sonho que não realizei ontem e que tudo é feito por um propósito.

Wesley não responde nada, mas sei que algo nele já mudou. E sementes plantadas em bom terreno tendem a florescer.

Ficamos em silêncio percebendo que a confusão lá fora está chegando ao fim. Aproveito para continuar orando, dessa vez, baixinho sendo surpreendida por ele que repete minhas palavras ditas durante o pai nosso.

Em algum momento, entre os barulhos e a oração, adormeço sonhando com melodias de balé, um futuro melhor e certo negro lindo de corpo quente que dorme me protegendo como um anjo em meio à escuridão de uma realidade cruel.

CAPÍTULO 5



*“E mesmo se eu gaguejasse pra falar
Ou se eu errasse o português pra cantar
Ainda assim faria muito mais
Do que quem fala bonito, mas só fala e não faz”
(Foco, força e fé – Projota)*

Corro para aula de balé ciente de que vou levar bronca da Verônica logo pela manhã. Me atrasei para o colégio. Dormi quase a aula inteira. Depois do trabalho, cochilei, acabei perdendo o ônibus que me levaria até próximo a *ballet is my life*.

Verônica não vai deixar barato toda essa falta de pontualidade e com razão. Sou bolsista no colégio da mãe dela, trabalho para uma amiga dela que ela conseguiu para mim e o balé que é minha paixão. Ela me ajuda tanto e eu retribuo sendo displicente.

Chego ao ateliê vinte minutos atrasadas para a aula.

— Vestiário Thaynara. — Ângela decreta antes mesmo de eu cruzar a porta da sala.

— Por favor, perdi o...

— Vestiário ou será suspensa. Não tolero atraso. Aula para você só amanhã e terá outra punição.

Droga!

Penso enquanto meus olhos se enchem de lágrimas, porque sei que perder uma aula pode fazer toda a diferença no festival, no entanto não me permito chorar.

Vou para o vestiário e coloco a roupa apropriada para treinar, menos as sapatilhas. Não fiz isso assim que cheguei porque seria mais tempo de atraso para justificar.

Daqui posso ouvir a música assim como as vozes das professoras passando os movimentos as alunas. Fico um bom tempo no vestiário, apenas encarando meu reflexo no espelho. A menina de pele negra, cabelos pretos enrolados e magrela que gosta de ser desafiada. Fecho os olhos e toco no meu reflexo. Não preciso ver para saber que estou “segurando” minha mão.

Minha vida é isso. Não importa o quão escuro estiver sei que se eu esticar o braço e tocar a superfície espelhada estarei sempre me segurando pela mão. Só é o fim quando nos soltamos e desistimos.

Irei compensar essa aula e dará tudo certo.

— Atrasada Thaynara? — Me assusto com a presença de Verônica. Não percebi quando entrou. — Nunca te vi atrasar antes.

— Desculpa, mil desculpas...

— Não é para mim que deve desculpas, é para a Ângela que é sua professora. Sabe que atraso é algo grave aqui.

— Irei pedir para ela também, mas você será sempre minha professora... — Ela levanta a mão.

— O que houve?

— Perdi o ônibus.

Resolvo não contar tudo que motivou meu atraso.

— Thaynara, você está muito perto do seu sonho não destrua isso por um amor adolescente.

— Do que está falando?

— Perguntei para sua mãe como você estava e ela me contou que passou a noite com o seu namoradinho. Conversei com sua diretora que me informou que dormiu na aula e no seu trabalho obtive a mesma resposta. Uma bola de neve gerada por uma noite na qual você deveria estar em casa dormindo.

Uau! Ela se preocupa mesmo comigo.

— Não foi culpa dele e...

— Claro que foi. Esse garoto não serve para nosso mundo. Você apesar de ser como é, não é um... Um favelado sem futuro como ele — dá de ombros.

Fico sem fala, a olho atônita e incapaz de falar, minhas mãos tremem. Parece que não conheço a pessoa a minha frente. Não é a Verônica que considero

e admiro. Essa jamais falaria algo assim, com esse tom de quem se acha melhor. Com tamanho preconceito. Aperto as mãos sentindo a raiva me dominar.

— Favelado?! Nosso mundo?! Apesar de ser como sou... — repito entre dentes, puta da vida — Como eu sou Verônica? Uma macaca favelada de cabelo duro?!

— Não faça disso um drama. Não tente me tornar uma preconceituosa. Dou chances para pessoas como você todos os dias. Sou uma bem feitora.

— Não estou ouvindo isso.

— Estou tentando te ajudar, sei mais da vida que você. Conheço esses moleques favelados aprendizes de marginal...

— É esse o problema com Wesley? Então eu também não sirvo para estar aqui. Também sou favelada tanto quanto ele. Não sou melhor só porque você resolveu brincar de Barbie. — grito e ela me encara. Acho que nunca a respondi assim. — Wesley é muito maior e melhor que muitos homens cheios da grana por aí. Ele não é nenhum marginal, aliás, ele tinha razão quando falava que você é uma fresca manipuladora e eu te defendia.

— Desculpa, apesar da sua paixonite, pensei estar falando com uma vencedora — Vira para sair, mas antes para de costas para mim completando. — Não tenho problemas com suas origens, sim com seu futuro. Pode acabar ganhando o mundo como eu ou em alguma sarjeta junto com ele. — pausa, segura a porta parecendo pensar, então completa — Se ainda quiser ser alguém na vida, vamos treinar depois que você terminar de se iludir e sentir pena de si mesma. — Sai logo em seguida me deixando sozinha.

Volto a olhar meu reflexo no espelho, sem me permitir chorar, na verdade ainda não sei que houve. Verônica nunca falou assim, nunca foi assim ou eu apenas não notei antes que ela é preconceituosa. Respiro fundo várias vezes ao mesmo tempo em que prendo meu cabelo no alto da cabeça e então saio disposta a dar muito mais que meu limite e meu melhor, mas com a plena consciência de que minha amizade com Verônica nunca mais será a mesma.



Quando o treino com Verônica finalizou, meu corpo implorava por uma cama, meus pés só doíam menos que minha cabeça. Foram as quatro horas mais longas da minha vida. Ter aula brigada com Verônica foi mais desgastante que todas as repetições dos passos.

Se continuar assim será inevitável meu afastamento dela como aluna

também e isso acontecerá logo após o festival.

Assim que piso do lado de fora da escola descobri não ser a única exausta de hoje. Wesley parecia adormecido sentado no chão encostado ao poste em frente à escola. Coitado dá até certa pena de acordá-lo.

Fico parada na calçada observando a cena quando Verônica passa por mim. Olha para Wesley com certa reprovação, mas não se atreve a dizer nada. Espero sinceramente que tenha consciência do modo como falou mais cedo. O modo como se referiu a ele foi bem pior que meu atraso e que a palavra em si.

Wesley nunca me atrapalhou nunca pediu para eu desistir. Não fez nada que fizesse Verônica não gostar dele. Pelo contrário, sem ele talvez eu que já tivesse desistido há muito tempo. Sei lá... nunca esperei dela um comentário tão maldoso para não dizer preconceituoso.

Percebendo que fica cada vez mais tarde rompo o pouco espaço entre ele e eu.

— Well — chamo cutucando seu ombro, ele abre os olhos, piscando meio desnortado — Vamos para casa. — digo com voz serena.

Wesley esfrega os olhos levantando do meio fio.

— *Vamo.*

Não fizemos o trajeto como de costume. Não conversamos, rimos ou namoramos. Dessa vez seguimos em silêncio absoluto. Eu porque não queria conversar e ele por saber disso mesmo sem que eu precise falar. Só na entrada da comunidade Well resolveu saber o que houve.

— O que pegou na aula hoje para te deixar com esse olhar triste?

— Nada, só estou cansada. — Minto me apertando em seu braço.

— Conheço você. Diz o que rolou.

Suspiro pesadamente me sentindo exausta mentalmente e fisicamente.

— Cheguei atrasada e briguei com Verônica ela acha que... Nosso amor me atrapalha.

Escondo a parte que mais me chateou para evitar uma guerra maior. Estou tão decepcionada. Sentindo-me uma idiota por confiar cegamente nela.

— Ela sempre achou isso. Verônica vive para as paradas dela é normal a birra comigo já que não tem mais ninguém para ela encher o saco.

Em outra época eu a defenderia com toda garra, mas hoje eu queria xingar e falar super mal. Talvez ele tenha um pouco de razão. Ela é solitária parece ter renunciado a tudo pela carreira e talvez por isso hoje se sinta tão só que não acha justo as outras bailarinas terem o que ela não tem. Só que isso não

explica todo o resto. Ela foi preconceituosa não só nas palavras, mas na forma como as disse.

— Devo muito a ela. — digo mais para mim que para ele.

— Eu sei e por isso ela também gosta de te manipular. Acho que ela te vê como um bilhete premiado para voltar ao topo.

— Por que acha isso? Ela tem tudo e eu não tenho nada.

— Você tem algo que ela não tem: juventude e talento. Verônica te vê como os ovos de ouro para ir mais longe como professora. Ela sabe que você pode se tornar uma estrela e levá-la a se tornar uma também. Sua história de vida já é um trunfo para ela.

— Não viaja — digo rindo, mas... será? — Amor vamos mudar de assunto?! — peço avistando minha casa.

— Ok, mas relaxa amanhã vocês ficam de boa.

Não tenho certeza disso.

— Quem sabe, mas você bem que poderia falar com ela assim, pois geralmente na presença dela você fala como se não soubesse uma palavra correta. Como se fosse um *trombadinha* e é essa a visão que as pessoas lá tem de você.

— Gosto de vê-la irritadinha e além do mais eles vão sempre ter essa visão do menino de comunidade não importa quantos diplomas você tiver. Se for preto é bandido.

— Nem todos acham isso... — murmuro sem já não ter muita certeza disso.

Percebo a minha direita um homem fumando, um tanto escondido entre um barraco e outro além de seu rosto está escondido atrás do boné, sem querer acabo olhando por muitos segundos em sua direção e sinto meu coração disparar quando ele sorri, desvio o olhar mais é tarde demais.

— Novinha! Você é linda... — o ouço dizer e aperto a mão de Wesley com força, não por medo do que o homem pode fazer comigo e sim porque sei que Well não vai ficar apenas ouvindo.

Ele para e encara o sujeito.

— Não está me vendo aqui não?

— Sua mina que passou me dando mole... — Tira o cigarro da boca e se aproxima de nós. Wesley logo toma minha frente o encarando sem se intimidar. Meu Deus! Não permita que saia uma briga. Não quero ter inimigos aqui e pior colocar Wesley em roubada por um olhar imprudente meu. Sei que

não devemos olhar muito tempo para ninguém. Nunca se sabe a reação da pessoa.

Well tenta avançar mais me coloco em sua frente.

— Vamos embora, não vale a pena... — peço puxando meu namorado pelo braço, mas ele reluta — por favor? — imploro com a voz embargada.

— Melhor escutar a novinha — o homem provoca, quando viro noto que ele está armado e agora mostra isso claramente. — Não vai querer problemas.

O pânico me envolve e sinto minhas pernas estremecer. Tento empurrar Wesley para seguirmos nosso caminho em paz, mas o fato de o homem estar armado não o intimida.

Por que homens são assim? Morre por uma masculinidade tola, uma disputa idiota. Sei que deseja me defender, mas não ligo para nada se isso acabar em tragédia. O cara está armado, ele não. Custa ir embora?

— Que droga Wesley! — xingo socando seu peito e só assim consigo atrair sua atenção. — Vamos para casa, por favor — peço novamente sentindo as lágrimas quentes descer.

Well olha novamente para o cara e depois passa o braço pela minha nuca, beija minha testa e então começamos a andar na direção de casa. Respiro aliviada, mesmo sentindo ele aperta seu braço em mim para se segurar, pois o demente continua provocando com risadas e falando coisas sobre meu corpo.

O restante do caminho foi percorrido em um silêncio tenso eu podia sentir que ele ainda estava nervoso, bastante irritado com ciúmes, mas não falaria nada e eu preferia assim, pois acabaria em briga.

— Tá entregue — avisa assim que chegamos em frente à minha casa, me dá um beijo rápido como despedida, mas continua frio. Seguro seu braço.

— Nem pense em voltar lá ou nunca mais olho na sua cara. — solto seu braço, espero por uma resposta, porém não obtenho. Se não já tivesse dormido com ele ontem iria hoje só para ter certeza de que ele não vai tentar nada, mas como sei que minha mãe hoje não está boa com nosso namoro e já basta o inferno que vivi durante o dia todo resolvo ficar em casa.

Entro em casa sob seu olhar, já me preparando para mais uma bronca. Dessa vez da minha mãe. Ela, porém, não diz nada. Então peço a benção, não conto sobre o ocorrido, vou direto para a cozinha aproveitar que mamãe e minha irmã estão entretidas costurando e dá uma geral na casa antes de tomar banho, comer e fazer o mesmo que meus dois irmãos, ir para a cama.

Sei que hoje as palavras de Verônica assim como o ocorrido com

Wesley, não me deixarão dormir. Vão gritar na minha mente lembrando o quanto tenho medo de perder Wesley ou a chance de viver meu sonho.

CAPÍTULO 6



*“E que eu sinto que essa chuva é o reflexo do estado do meu corpo
E foi pensando nisso que me joguei pra cá
Pra ver se quando eu te encontrar eu faço essa chuva parar.”
(Chuva de novembro – Projota)*

Abro os braços para iniciar a primeira coreografia que elaborei, ensaiei e me preparei por mais de três semanas, assim que as primeiras notas de *big girl don't cry* da *Firgie* em instrumental começa a soa.

As últimas semanas se resumiram em treinos duros e mais treinos intensos. Depois de várias coreografias famosas, técnicas, passos complicados, ensaios, montei três coreografias completamente diferentes e rápidas. Agora vou mostrar para Verônica, Ângela, Dona Katia, a patroa da minha mãe, mais cinco meninas da minha turma de balé para que elas vejam se ficaram boas e, claro, se os movimentos estão impecáveis.

O festival já está na porta e mesmo que Verônica e eu não tenhamos feito as pazes ainda combinamos de deixar o lado pessoal para fora do ateliê. Ela ainda irá comigo para os EUA e ainda há em mim a necessidade de sua aprovação.

Levanto a perna inclinando um pouco meu tronco para a horizontal tentando não deixar as preocupações e o medo me atrapalharem. Faltam três dias para o festival e preciso já está pronta. No entanto, estou tão nervosa que meu corpo reclama com muitos enjoos, sono e fome. Em um total desequilíbrio hormonal.

Essa será minha chance de conquistar o mundo. Minha melhor chance, mas nesse momento eu não consigo me concentrar na coreografia. Ainda mais por ser uma apresentação melancólica, me sinto angustiada e até chove lá fora, e é na chuva que minha cabeça e o coração estão agora.

Ouçó a chuva açoitar o telhado ainda mais forte e a preocupação com a minha casa aumenta. Sempre que chove alaga tudo, sem falar no risco de desabamento e eu queria está lá para ajudar caso precisem. E tem Wesley também lá fora, na chuva, no frio me esperando terminar a aula. Se já era zeloso comigo após o ocorrido com um dos caras lá da comunidade aí que ele ficou insuportável mesmo, mas não reclamo morro de medo de passar por aquele homem novamente.

Abro os braços e fecho os olhos finalizando a coreografia sentada no chão com o rosto levemente virado, meio escondido com meu próprio corpo para demonstrar uma grande tristeza. Tanta que temos vergonha de mostrar, enquanto ouço as últimas notas “*Don’t cry. Don’t cry.*” como se fosse um lembrete.

E não sei porque, mas nesse momento me sinto egoísta. O balé de novo está vindo antes das pessoas que amo e ter consciência disso é o que mais me assusta.

— Thaynara foi muito bom, mas houve deslizos... — Minha professora analisa. — Muitas falhas.

— Foi péssimo. — Verônica dá seu parecer — Você parece estar com a cabeça longe. Errou passos que sempre acerta. Parecia perdida em uma coreografia que você fez. Cometeu erros primários nos saltos e outros nos gírios. Não emocionou. Não convenceu.

— Verônica foi dura, mas tem razão — Dona Katia interfere — O que aconteceu? Está nervosa?

— Sim. Desculpa... — olho para o chão — Estou preocupada com minha família e o...

— E o namoradinho. — Verônica interrompe fazendo com que eu aperte a mandíbula de raiva. Suas palavras ainda doem. — Ele está aí fora como sempre.

— Por que não o chama para sair dessa chuva e ainda te ver dançar? — Dona Katia sugere algo que eu pedi muito no meu interior.

Pelo menos assim a preocupação é menos e vê-lo sempre me traz paz.

— Obrigada vou fazer isso agora mesmo.

Corro para fora antes que Verônica a faça mudar de ideia. Vejo Wesley se protegendo da chuva sem muito sucesso na estreita sacada lateral da escola.

— Já terminou? — pergunta surpreso ao me ver. Sua voz sai tremula pelo frio e ele está bastante molhado.

Não digo nada apenas o puxo para dentro até a sala onde eu estava minuto antes. Ainda que eu não tenha dito nada, Well nota que estou nervosa e preocupada, me abraça e sussurra que está tudo bem na minha casa. Aparentemente a chuva só está forte aqui, na comunidade não. Como sei que ele não foi trabalhar hoje, e provavelmente estava na comunidade, isso tira um peso enorme das minhas costas.

Temendo ter represália das “minhas madrinhas” não fico em seu abraço o quanto que gostaria. Ainda que esteja molhado, ele é o abrigo mais aconchegante do mundo. Separo-me do meu namorado enquanto uma das minhas colegas é gentil e dá uma toalha para ele. Que agradece o ato com um aceno de cabeça e com a toalha sobre os ombros se senta no chão perto dela. As três professoras são as únicas sentadas em cadeiras na outra extremidade e eu danço no meio.

— Wesley se puder ficar quieto sem dizer uma palavra e sem atrapalhar. Agradecemos. — Verônica adverte deixando claro seu descontentamento com a presença dele.

— *Pô, fica suave tia. Vô ficar sussa aqui só de banquela zoando mia mina mandar ver.* — responde me fazendo morder a bochecha para não rir. Esse menino é impossível.

Posiciono-me no centro para executar a mesma coreografia. Esvazio a mente deixando a letra me envolver e então faço novamente todos os movimentos. Só que dessa vez com a consciência de que me entreguei totalmente.

— Muito bem Thay. — Ângela elogia em êxtase — Foi incrível.

Mais leve com o elogio, preparo-me para a próxima dessa vez uma melodia feliz. Troco olhares com Well assim que soa as primeiras notas. Ele sorri provavelmente se lembrando de quantas vezes me viu dançar essas notas. Ele sempre gostou de me ver dançando melodias alegres.

Fico na ponta do pé pronta para começar. E durante toda a apresentação trocávamos olhares furtivos e sorrisos. Well me olhava com tanto amor, com tanta paixão, que me fez sorrir durante toda a coreografia e quase me emocionar. Finalizo a coreografia na ponta do pé com os braços erguidos e juntos numa espécie de círculos, após uma série de giros.

— Lindo Thay.

— Eu prefiro a primeira. — Verônica decreta. — Tinha mais emoção.

— As duas estão maravilhosas, mas acho que a decisão de qual apresentar é sua. — Professora Ângela dá sua opinião — Agora nos apresentei com a terceira apresentação. Tenho muito orgulho em te ver dançar e como dança bem. Você com certeza vai muito longe.

Sorrio com a sensação de estar sendo admirada por aquelas a quem eu admiro. Tomando meu lugar no centro deitado no chão pronta para a terceira e última coreografia.



— Arrasou! — Dona Katia grita. — Definitivamente você faz apresentações clássicas melancólicas lindas, até chorei.

— Está pronta para o festival.

Ofegante, ouço os aplausos e elogios das apresentações e me sinto orgulhosa de mim mesma.

— Sim belíssima. — minha professora concorda aplaudindo de pé — Queria ficar mais um pouco te felicitando Thay, mas preciso me retirar. Tenho um compromisso e vou deixar vocês conversando sobre a viagem ou se programarem a sós. Boa sorte. — deseja saindo.

Pego minhas coisas no canto da sala para fazer o mesmo. Well está molhado e quero ir para casa ver como as coisas estão. Qualquer coisa resolverei amanhã, tenho outras prioridades hoje. Dou um beijo em dona Katia e despeço-me de Verônica com um mero tchau. Nenhuma delas tenta me impedir, acho que perceberam que nada nesse momento é mais importante que está em casa.

Pego na mão do meu namorado, sendo acompanhada por ele me encaminhando até o vestiário e sob seu olhar mudo de roupa.

— Cê é linda e fica ainda mais linda quando dança — Solta encostado a porta do vestiário.

— E você é implicante — Brinco lembrando de sua resposta para Verônica.

— É mais forte que eu. — confessa com um sorriso de menino travesso.

— Amo dançar para você. — comento penteando meus cabelos com os dedos e olhando para ele pelo espelho. — A forma como você olha para mim... Me faz sentir como se eu fosse indestrutível. Como se eu pudesse tudo.

— É *porque* cê pode tudo.

Viro, aproximo-me dele que abraça minha cintura com um braço e um com o outro faz carinho no meu rosto. O sorriso travesso ainda desenha seus lábios. Nós nos encaramos por um tempo antes de sua mão pousar na minha nuca sob os cachos negros do meu cabelo. Well está tão próximo que dividimos a mesma respiração. Quando entrelaço meus braços em seu pescoço sinto sua roupa ainda úmida e seu corpo frio se juntar ao meu. Isso não me incomoda, pelo contrário me deixa arrepiada.

— Eu te amo.

— Eu também. — Devolvo em um sussurro antes de nossos lábios se encontrarem unindo-nos em um beijo de amor.

Estamos cientes de que vamos passar por uma longa separação e isso será doloroso para ambos, mas enquanto podemos nos beijamos ao mesmo tempo que a chuva dar uma trégua do lado de fora. Talvez até ela saiba que o amor é como as flores precisa de todas as estações. Necessita do calor do verão, para ser outono, gosta do frio do inverno antes de ser primavera.

E assim florescer belo, forte e lindo.

CAPÍTULO 7



*“Mas hoje eu só tenho 10 real
e ela nem reclama, jura que me tira da lama
Tudo que eu peço na vida é ser abençoado
que cada ano sem você me traga mais 10 anos do seu
lado”*

(Até o final - Projota)

Assim que chego na comunidade corro para casa buscando constatar com meus próprios olhos que realmente não choveu tanto aqui e que realmente nosso lugar está de pé. Na minha casa tem muita goteira, mas felizmente não molhou nada por dentro. Respiro aliviada sentindo Well me abraçar.

— Eu disse que estava tudo bem.

— É, mas fico mais tranquila aqui.

Percebo que mamãe e meu irmão mais novo não estão em casa, devem ter aproveitado a trégua da chuva para ir fazer entregas das roupas ajeitadas, como já é quase noite os meus outros irmãos estão em nosso quarto, o que é bom para ficar um pouco com Wesley. Amanhã à noite é meu voo. Vou precisar perder umas aulas só que já adiantei muito as matérias, principalmente a de inglês, então não será prejudicial.

O que me preocupa é meu namorado solto aqui, nesse lugar cheio de raposas ao redor do meu poleiro.

— Não acredito que esse dia finalmente chegou...

— É... Eu sei no que está pensando. — Beija minha testa — vamos

ficar bem e juntos.

— Promete?

— Prometo.

— Vai continuar longe daquele sujeito?

— Vou! — afirma retirando o meu cabelo do rosto. — E quanto tiver lá com os *pleibas* ver se não esqueça quem *cê* é — pede e afirmo com um leve aceno de cabeça — *Cê* treina amanhã?

— Não, agora só depois da primeira fase já em solo americano.

— *Vamo* lá para casa então — sorri safado — Quero te namorar um pouco.

— Vamos, mas só até mamãe chegar — aviso — Laura, vou dá um pulo no Wesley quando mamãe chegar me chama — grito para minha irmã.

— Tá — ela berra em resposta do quarto mesmo.

Laura está aproveitando que o pequeno saiu para descansar, ela foi quem ficou com a tarefa de cuidar dele e da casa a maior parte do tempo. Ela é apenas três anos mais nova que eu e dois mais velha que nosso irmão, Valdir que provavelmente está dormindo, ele sempre dorme assim que chega do colégio. Geralmente ele vende bala no sinal pela manhã e fica muito cansado.

Por precaução tomo banho antes de trancar tudo e entrar na casa ao lado da minha. Ainda não está totalmente escuro por isso posso ver uma vela apagada sobre uma toalha de mesa, uma caixa de pizza, além de um embrulho e uma rosa.

— Que lindo, Well.

— Uma tentativa de jantar romântico. A pizza ainda deve está quente. Pedi *pra* vizinha trazer pouco antes da gente entrar na sua casa. O resto eu fiz antes de sair.

— Amei. — declaro sincera — E o presente, o que é?

Wesley fecha a porta, antes de caminhar até o embrulho e pegá-lo sentando na barra da toalha. Imito sua posição com um sorriso. Tomo a iniciativa e acendo a vela. Quero ver meu presente com clareza.

Ele parece com receio, mas acaba entregando para mim.

— É só algo para se lembra de mim na sua viagem.

— Não preciso de um objeto para lembrar de você, mas — com um riso de quem ama ganhar presente, abro o embrulho com cuidado e nela tem uma caixa de madeira com uma bailarina. Percebo logo ser uma caixa de música, antes mesmo de notar que uma das pernas da pequena está quebrada. — Uau! É

lindo.

— Desculpa está quebrada... Uma nova estava muito cara, mas a senhora que me vendeu disse que vai achar o pedaço e eu dou um jeito de colar.

Ouçó sua explicação com os olhos brilhando como uma criança, dou corda e ouço o tilintar da melodia enquanto a bailarina gira, apesar de sua perna quebrada.

— Não, precisa colar... Está perfeita assim. — digo emocionada — Obrigada.

— *Vamo* comer agora?

— Sim — coloco a boneca novamente para tocar deixando-a entre nós e ataco a pizza — Você é o melhor namorado do mundo.

— Sou mesmo, mesmo quebrada isso aí custou uma nota.

— Retiro o que eu disse — estreitei os olhos fingindo estar zangada.

— Mas nota nenhuma ganha *pá* esse sorriso lindo que *cê* tem.

— Te amo ainda que seja um implicante — declaro sorrindo roubando um beijo dele — Já que me deu uma bailarina que tal ganhar uma também? — indago ficando descalça.

— Prefiro uma bike, aí te levo *pa* dar uma volta no mundo.

Tento não rir das besteiras dele para não incentivar sua mania de contentar-se com o pouco. Coloco para tocar no meu celular a melodia que ele gosta. Uma alegre. A primeira que dancei. A melodia do filme que me inspirou. Vejo em seu olhar que agora compreendeu o que eu quis dizer.

Pego uma fatia de pizza me levantando. Tomo posição no meio da pequena sala e começo a me movimentar olhando nos olhos dele, com passos simples de uma iniciante, pois o pouco espaço e falta de iluminação podem atrapalhar algo mais elaborado e acabar dando errado. Não posso me machucar.

Com o avanço da melodia e ainda que eu não seja uma garota ousada em um dado momento da coreografia comecei a tirar lentamente meu vestido enquanto executava os movimentos de forma mais sensuais.

Sei que o olhar dele está intenso sobre mim, pois, meu corpo pode sentir seu desejo e isso me ajudou a ter coragem para continuar agora sem o vestido. A coreografia improvisada ultrapassava a simples beleza do balé clássico infantil que dançava para ele anos atrás e pousava na ousadia de uma menina mulher. Despertando um misto de admiração e desejo em seu amado.

Minutos depois Well se juntou a mim. Dançamos em um ritmo só nosso que começou meio despretensioso e desajeitado para terminar em um

acorde perfeito entre dois corpos se amando.

CAPÍTULO 8



*“Então eu te olhava, pra ver se você dormia bem
Pode sonhar, por que eu sei que sonhar faz bem
Vou te dar uma razão pra sonhar também.”
(Enquanto você dormia – Projota)*

Observei à porta da frente da minha casa o sol nascer. Ontem de madrugada quando voltei do barraco de Wesley após fazermos amor, ele já dormia e fiquei um tempo o admirando. Sentindo saudade antecipada de seu cheiro e do calor de seu corpo. Saber que lá não posso sair e ver Well me esperando para juntos retornarmos para casa deixa-me melancólica.

Olho para cima, não dá para ver o sol daqui, mas sei que ele já nasceu. Uma das vizinhas saiu junto com os primeiros raios solares. A diferença é que o sol vai brilhar e a vizinha foi para a luta pelo pão de cada dia sob ele.

Aqui na porta abracei e beijei meu irmão quando ele foi fazer o mesmo que a vizinha: saio para *trampar*. Ouvir quando o caçula chorou com fome e fiz questão de dar mamadeira para ele lembrando quando eu olhava mamãe o alimentando em seu seio achando o máximo. Isso parece tão distante agora. Tão nostálgico. E foi com essa mesma nostalgia que vi minha irmã sentar em frente à máquina para adiantar algumas costuras.

Mamãe decidiu ficar em casa com suas costuras também e aproveitar para me fazer companhia. Hoje meu dia será em casa. As últimas horas antes da viagem. Sonhei tanto com isso e agora meu coração está pequeno em ficar longe da minha família.

Mesmo não sendo a família mais unida e presente, até pela rotina, eu amo saber que estão dormindo a poucos metros de mim e amo saber que em algum momento vou cruzar com eles pela casa.

Nem fui e já sinto uma saudade danada deles. Por isso, apesar de estar no meu lugar favorito – os braços de Wesley – não consegui dormir nada essa noite. Eu quero levá-los comigo, mesmo sabendo que por enquanto isso é impossível.

— Não vai tomar café, filha? — mamãe indaga por trás de mim.

— Sim, estou esperando Wesley...

— Nem pregou o olho... Vi *ocê zazando* pela casa a noite toda.

— Não consegui, primeiro porque está muito quente, segundo porque estou muito agitada para isso.

— Com a *viaji*?

— Principalmente por ficar longe de vocês. — confesso ainda de costas para ela. Encarrando a minha frente como se fosse uma bela paisagem. Não somos muito afetuosos do tipo que se abraçam e trocam carinhos por isso a despedida é tão sentida.

Vejo em seu tom de voz que ela também sente muito por ficar longe da filha mais velha. Até pior, pois para uma mãe deixar o filho crescido voar já é difícil, imagina ele sendo ainda um filhotinho?

— *Fia...* — VIRO para ela olhando suas rugas e os cabelos já quase inteiramente brancos com carinho lembrando que minha mãe não é tão velha quanto aparenta. — Por muito tempo eu achei que *ocê sofe...* sofreria com esse sonho *impossívi*. Tive medo, seu pai também... — apenas a menção do meu pai faz lágrimas rolarem em nosso rosto — Essa é a vida que eu e ele *conhece*. *Trabaiar* até morrer. E quando *vimo ocê* com essas coisas *achamo* ser *mai* uma que morreria sem conseguir... — fala devagar tentando não tropeçar nas palavras. Tentando se lembrar de como são as pronúncias corretas. — Não ser a única que sonha na comunidade, você é uma das poucas que não *dexor* o sonho ser morto com *brutidez* pela *probreza* que vive. Tenho orgulho de *ocê*. — Ela me abraça e eu retribuo o abraço com força. Acho que faz tempo que não sinto seu abraço e ela o meu.

Mamãe tem muita dificuldade com a língua portuguesa, já que não fez mais que a terceira série do fundamental e o pouco que aprendeu já não se recorda. Algumas coisas tentamos ensinar, como escrever seu nome e a juntar as letras para formar palavras. A dificuldade com os “r”, plurais, “nh” e “lh” ainda resiste, mas sei que um dia ela falará corretamente como sonha.

Nos últimos dois anos ela acabou deixando de lado as aulas que tomava com meu irmão ou comigo. Apesar de tudo isso, e de ter menos idade do que aparenta, ainda é sábia.

— Também tenho orgulho da senhora. — Seguro em suas mãos — E vou voltar para te ajudar a ler e escrever direito. Nós duas iremos realizar nossos sonhos.

— Bom dia... — Wesley interrompe nosso momento — Está tudo bem? — indaga ao notar que estamos chorando.

— Sim... — respondo limpando as lágrimas — vamos tomar café?

— Já *tá* na mesa — mamãe avisa e retorna para sua mesa de costura.

Pego na mão de Wesley e o puxo até a mesa. Antes que eu consiga me ajeitar na cadeira recebo uma mensagem de Verônica avisando que nosso voo foi adiantado para a tarde.

— Qual foi?

— Well, eu sei que combinamos de ficar juntos hoje até a hora do meu voo, mas... Meu voo foi adiantado.

— Hummm... Dá tempo de tomar café pelo menos?

— Sim — respondo pegando a xícara que treme na minha mão — vai até o aeroporto?

— Pode *pá* — responde me fazendo rir. Well sabe que não curto essas gírias, principalmente porque não entendo muitas.

Durante o resto do café não conversamos muito. Ele ficou cantarolando um rap baixinho e sei que está tentando não me mostrar sua tristeza em ter que se separar. Por mais que tenhamos falado, prometido, serão anos de separação. Eu quero passar e ele precisa torcer ao meu favor ainda que algo queira torcer contra, então precisamos acreditar que será um longo tempo sem nos ver.

Se eu disser que não tenho medo estaria mentindo será tudo novo e estarei sozinha. É sempre difícil cortar o cordão umbilical e seguir sozinha os rumos da vida.

Assim que o café terminou, me despedi da minha mãe com um abraço apertado, peguei minhas coisas e saímos para a entrada onde Verônica nos esperava.

No caminho fomos conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo só para evitar a despedida. Nem eu nem ele queríamos dizer adeus.

Quando o carro finalmente parou e o motorista avisou que tínhamos

chegado. Eu olhei pela janela a imensa fachada do aeroporto e me senti pequenina.

— Vou entrar para vocês se despedirem — Verônica avisa assim que descemos do carro. Fala algo para seu motorista antes de entrar.

Jogo-me nos braços de Wesley. Apertando seu corpo ao meu.

— Vem comigo — peço mesmo sabendo ser impossível — não quero ficar sozinha.

E ainda com Verônica.

— Não posso ir... Não tenho como me manter lá... Vou falar com você o tempo todo. Nem que precise viver roubando internet da borracharia.

— Vai mesmo assistir a minha apresentação?

— Só a próxima.

— Se eu não passar?

— Vou te buscar. — sorrir — não é um adeus. *Vamo* se vê novamente em poucos dias.

— Amo você — digo com a voz embargada. — Te ligo quando chegar lá. Cuida da minha família.

— Eu também amo você e vou cuidar deles. — sorrio apaixonada. Ele beija meu rosto e minhas lágrimas antes de chegar aos lábios e reivindicá-los já com saudades e eu devolvo com a mesma necessidade. — Agora vai voe e ganhe o mundo — completa sério.

Separo-me dele segurando por um tempo sua mão, depois pego minha mala do chão e antes de entrar dou uma última olhada para ele que sorri acenando e faço o mesmo.

Ir voar, ganhar o mundo e voltar. Pois Wesley é minha casa.

CAPÍTULO 9



*“Sei que nem todos lá no fim do túnel buscam luz,
fica difícil se é a escuridão quem te conduz...
Já vi oportunismo travestido de amizade,
uns aproveitadores da minha boa vontade...”*
(Samurai - Projota)

O voo foi tranquilo, tomei uns calmantes e fui o caminho inteiro meio dormindo e o mesmo aconteceu com o caminho até o hotel. Ainda me sinto sobre efeito de calmantes. Tentei ligar para Wesley no caminho, mas ele não atendeu. Por causa do fuso provavelmente.

Mesmo meio dopada posso ver que o hotel é lindo. New York é linda. Muito mais do que sonhei. Sinto-me honrada em estar em um lugar tão belo e para fazer algo que pode mudar minha vida.

Nosso quarto é grande e luxuoso, mas nem todo o luxo dele me faz esquecer que preciso falar com Wesley e minha família. Avisar que estou bem e ver se eles estão bem.

— Thaynara se instale o mais rápido possível. Precisamos descansar. Amanhã será seu grande dia.

Verônica pede e sem respondê-la vou para o quarto. Não consigo olhar para ela ou conversar como amigas depois do que ela disse. Feriu-me e não só por ter sido com o Wesley, mas com todos da comunidade. É triste, pois sei o que discurso dela quer dizer nas entrelinhas. Hoje isso está claro para mim. E agora comecei a achar que talvez eu realmente fosse uma marionete em suas

mãos para que através de mim ela ganhasse algo. Fama como professora ou o prêmio para sua escola. É triste pensar assim.

Suspiro percebendo que já passou das três da manhã horário local, com o fuso no Brasil deve ser mais cedo, mas não estou com sono o suficiente para dormir e preciso falar com Well. Peguei o celular e na terceira ligação Well finalmente atende.

— Oi, amor.

— Que demora... Já estou no hotel.

— Desculpa, acabei dormindo... Como foi a viagem?

— Bem. Era só isso... Pode avisar a minha mãe? Não tenho como falar com ela.

— Sim... ,Mas preciso dormir, até amanhã e ligue mais cedo.

— Tudo bem. Te amo. Beijos. — desligo ao ver Verônica no meu quarto.

— Thay hora de dormir para descansar um pouco da longa viagem. Amanhã é o grande dia. Serão apenas trinta e agradeça ser uma das poucas, afinal, estar entre elas já é um privilégio. Não jogue fora por achar que não precisa de mim e dos meus conselhos.

— Não vou jogar. Eu lutei muito para está aqui. Para ficar preparada para passar. — rebati — E é o contrário, eu sou muito grata a você, e é por achar que preciso dos seus conselhos que estamos juntas aqui. Só quero respeito e ser tratada como alguém que sabe cuidar de si mesma e tem o direito de amar independente de opiniões.

— Tudo bem, será tratada como deseja. Desde que tenha responsabilidade.

— Pode deixar. Vou só tomar banho e irei dormir — comuniquei caminhando para o banheiro. Na minha cabeça fico apenas pensando que fiz uma má escolha trazendo Verônica.

Fecho a porta, mas em vez de tomar banho, o que foi mais um pretexto para me livrar dela pois sei que hoje não vou conseguir dormir. Encosto a testa na parede pensando que minha vida será decidida amanhã e só depende de mim. Do meu esforço e da minha capacidade. Eu preciso dançar e dar o meu melhor por minha família e por todos que torcem por mim.

Caminho pelo banheiro que é bastante amplo e paro em frente ao espelho, solto meu cabelo e fico olhando meu reflexo nele. Não me desagrado do que vejo, mas é uma nova fase e novas fases pedem coisas novas. Uma caixa de

tinta de Verônica aparece no meu campo de visão. Olho-me no espelho tendo uma ideia.

Corro para a sala. Pego o telefone e ligo para a recepção digo em inglês o que desejo e não demora muito para ouvir o interfone. De tanta ansiedade fico esperando na porta e Verônica assiste minha movimentação curiosa.

Minutos depois um homem me entrega uma sacola com o meu pedido. Verônica me deu um cartão limitado para gastos pessoais. Se eu ganhar, não vou precisar pagar em duzentas vezes, pois terei o dinheiro do prêmio, mas se eu perder... melhor economizar.

— O que está aprontando?

— Quero ficar diferente. Pintar o cabelo. Cortar.

Verônica rompe a curta distância entre nós, pega a tinta acaju da minha mão com um sorriso e com um leve balançar de cabeça ler o rotulo parecendo aprovar minha escolha.

— Eu entendo muito disso. E fico feliz que esteja querendo mudar.

Com a ajuda dela, deixando um pouco de lado nosso arranca rabo e estranhamento dos últimos dias, nos dedicamos a pintar e cortar meu cabelo. Fizemos muita bagunça no banheiro e na sala. No fim, com o resultado, percebo que Verônica realmente sabia o que estava fazendo.

— Uau! — digo extasiada olhando meus cabelos cortados acima dos ombros em tom avermelhado — ficou demais.

— É um dom meu. — diz balançando os cabelos, que pela primeira vez estão soltos, ilustrando que é ela quem o cortar e pinta.

— Amei muito.

Nós rimos e só então mesmo com a ferida aberta e ainda doendo, vejo que deixamos de lado a “picuinha” e talvez estejamos retomamos a amizade ou demonstrando que podemos ter uma convivência melhor.

— Thay — Segura minha mão —, desculpa por aquele dia... Eu fiquei nervosa ao pensar que você poderia jogar tudo fora e me excedi. Já vi muitas meninas assim e tenho carinho por você não quero que seja mais uma.

— Tudo bem. Ainda dói não sei se vou voltar a ter o mesmo respeito e admiração que tinha por você e espero de coração que você não seja aquela Verônica que ficou subtendida com aquela afirmação.

— Não sou, fique tranquila... Agora vamos dormir para você descansar e pegar o prêmio... Não comentei, mas a escola está precisando dessa quantia. —

confessa — Quero fazer um projeto social para meninas carentes, mamãe superapoiou... Você me inspira... mas só será possível se você ganhar. Dê o seu melhor.

— Pode deixar. Eu vou ganhar e fico imensamente feliz em ter te inspirado.

Verônica dar um sorriso singelo e sai me deixando emocionada com suas palavras e atitude. Ela não é má como pinteí e isso me deixa feliz... Ou talvez ela queria que eu pense isso. Droga. Confiança decepcionada é uma merda, mas ao menos ela vai ajudar novas meninas.

Fico mais um tempo em frente ao espelho do banheiro, tentando não pensar nisso. Não quero imaginar que uma das pessoas que mais gostei de ter encontrado seja um lobo em pele de cordeiro. Freio meus pensamentos e foco na minha imagem no espelho notando como estou diferente. Agora sim estou pronta para arrasar e me destacar rumo a vitória.

CAPÍTULO 10



*“Haja o que houver, só preciso de
Foco: um objetivo pra alcançar
Força: pra nunca desistir de lutar e
Fé: pra me manter de pé, enquanto eu puder
Só preciso de foco, força e fé”
(Foco, força e fé – Projota)*

Na manhã do teste estou uma pilha de nervosos, nada parava em meu estômago, mas uma noite que, como disse minha mãe, não preguei o olho. A ansiedade é minha maior inimiga e tenho medo de errar tudo na hora.

Queria minha mãe aqui, meus irmãos e meu nego lindo para dançar olhando em seus olhos que me acalmam, mas estou sozinha atrás da cortina preta há poucos instantes dela se abrir para que eu encare uma plateia simbólica, porém extremamente crítica.

De acordo com Verônica não há nem cinquenta pessoas entres homens e mulheres, mas isso não diminui o meu nervosismo. Serei quase a última e ver as apresentações das outras... Uau! São muito boas. O nível é tão alto que chego a questionar se eu realmente sou boa como elas.

Não posso pensar nisso agora. Estou bonita e vou arrasar. Passo a mão pelo meu tutu roxo e preto cheio de brilho para combinar com minha maquiagem forte e bem marcada. Meu cabelo está preso em uma trança tiara que faz todo um contraste de cores e brilho deixando-o muito bonito.

Ouçõ meu nome com uma pequena apresentação em inglês antes das

primeiras notas da melodia soar, tomo posição ficando na ponta do pé com uma perna dobrada. Com os braços na terceira posição e ainda atrás da cortina realizo os primeiros passos.

No início só veem minha sombra e eu não os vejo, então no ponto alto após um salto difícilíssimo a cortina cai e agora posso ver os olhares atentos dos jurados conscientes dele estarem analisando e anotando tudo.

Tento ignorá-los e apenas sentir a melodia penetra a minha alma. É um instrumental triste e é a terceira coreografia que fiz e apresentei na escola de balé.

Buscando emocionar os jurados como a música pede. Esvazio minha mente sentindo a canção com a alma. Preciso expressar melancolia o tempo todo. Balé é isso: razão e muita emoção nas notas da música, o que ela quer dizer precisa ser lida no seu corpo. Nas expressões. Em cada gesto e com muita precisão e leveza.

Balé é para ser vivido. Sentido. Um espetáculo que exige muitas vezes que sejamos atrizes interpretando um papel. É necessário convencer o público que essa história é a sua, mas a única coisa que fala é o corpo.

Quando finalizo a apresentação com as pernas aberta no chão e tronco meio inclinado para trás. Não ouço aplausos é regra não aplaudir e isso me faz lembrar-me de quando eu dançava sozinha na casa do Wesley. Eu sonhava ali, aqui eu realizo.

Com um sorriso no rosto, mesmo sabendo não ser regra, agradeço ao público antes de deixar o palco.

— Parabéns, Thay — Verônica corre para me receber nos bastidores — Você foi quase perfeita. Errou um pouco quando a cortina caiu, mas o resto foi impecável.

— Obrigada. Eu estava muito nervosa, ainda estou...

— Pela cara dos jurados eles ficaram maravilhados com você com sua história... — Ela está tão empolgada e eu tensa — Ah, seu celular tocou o tempo todo. — me entrega o aparelho — É o Wesley.

Agradeço e vou para o banheiro em busca de silêncio e privacidade.

— E aí? Já dançou? — questiona empolgado.

— Sim, — Me seguro para não gritar — Foi mágico Well, me senti tão linda, tão viva, apesar que Verônica disse que errei no início...

— Ninguém nem reparou — Tenta me tranquilizar — *cê* dança e encanta como ninguém, a vaga já é sua.

— Pedi para Verônica gravar tudo, vou mandar para você. Depois mostra para minha mãe e faz ela dizer o que achou.

— Pode *pá*.

— Well seu bobo. Para de falar isso — ralho escutando uma mulher chamando as participantes de volta ao palco fazendo meu estômago dar voltas — Preciso ir. Vai sair o resultado.

— Depois me diz o que aconteceu. Boa sorte. Te amo.

Encerro a ligação, quando vou saindo vejo meu reflexo no espelho, fico um tempo olhando como estou diferente e bonita, até pareço mais gordinha. Precisei usar cinta hoje, pois notei que minha barriga cresceu, ainda que eu evite comer “porcarias”. Mesmo controlando minha alimentação prefiro achar que é gordura e nem me atrevo a pensar na hipótese de estar...

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos. É só estresse mesmo. Dei o meu melhor e seja qual for o resultado estou feliz pela oportunidade. Coloco meu melhor sorriso e retorno para o palco.

— Todas aqui?! — Ninguém responde por compreender ser uma pergunta retórica — Bom, agradeço a todas as bailarinas inscritas. Foram milhares de inscritas. Analisamos cada uma. As fotos, os vídeos e as histórias de vida. Então só de estar aqui vocês já são vencedoras, foram escolhidas por terem talento, pelas suas histórias de luta e garra para chegar aqui. — um homem entrega um envelope pra ela — Já estou com o nome das dez meninas que disputarão semana que vem a única vaga para fazer parte do nosso espetáculo que entrará em turnê ano que vem. E percorrerá todo o mundo durante dois anos, além de prêmios em dinheiro para a bailarina e a escola que a revelou. — a vejo abrir o primeiro envelope — Quem eu chamar dê um passo à frente.... A nossa primeira escolhida é: Amanda Williams — grita fazendo minhas mãos suarem.

Ouçó outro nome e mais um que não é o meu. E cada nome chamado faz minha esperança ir murchando como uma flor sem regar. Até que o último nome me desperta; Thaynara dos Santos.

Faz tanto tempo que não ouço meu nome completo, por causa da incredulidade que eu já sentia, demoro para perceber que fui eu a dar um passo à frente e se juntar as outras nove meninas. Minhas pernas tremem assim como meu corpo, pois não consigo conter o choro.

Todos as meninas se abraçam enquanto a mulher nos parabeniza e dá novas instruções para a apresentação definitiva.

Fecho os olhos agradecendo a Deus e me enchendo de esperança novamente. O primeiro passo foi dado, agora é só continuar e por nada desistir.

Ter foco para chegar aonde quero, muita força para não parar, pois não é fácil e fé para nunca deixar algum problema me derrubar.

Sempre e sempre acreditar!



Entro no quarto do hotel ainda sem acreditar em tudo que aconteceu. Eu sou finalista. Meu Deus! estou vivendo um sonho. Meu sonho. Rodopio no meio da sala fazendo alguns passos da minha apresentação me sinto flutuando nas nuvens.

A primeira coisa que fiz foi ligar para Well lá mesmo no auditório, mas isso não me impediu de ligar novamente para ele contando com detalhes da minha apresentação agora para mamãe.

Mamãe ficou muito emocionada e me parabenizou por minha conquista, disse que mostrou o vídeo para a comunidade toda. Até no youtube Well colocou. Já tem várias visualizações e um monte de meninas me imitando. Como eu fiz quando vi o filme. Isso me emociona de várias maneiras.

Fiquei horas conversando com eles até o sono ser mais forte. Depois de dois dias sem dormir, hoje com a sensação de trabalho bem feito, de paz comigo mesma, deito a cabeça no travesseiro respirando melhor, sem tensão no corpo e com tranquilidade mergulho em um sono profundo.

CAPÍTULO 11



*“Um sonho se desfaz quando o olho se abre,
um ideal não se desfaz nem que a vida se acabe...”*

(Samurai – Projota)

Olho para minha mão tentando focalizar e parar com a sensação de ver o mundo girar sem eu estar girando.

— Gira de novo Thay. — ouço Verônica pedi — De novo, de novo até sair perfeito. — continuo parada segurando a barra do salão que ela alugou para ensaiarmos — Postura reta nada de cara de dor, nem de fome. Braços de maneira harmoniosa mais natural e sempre delicado.

Puxo o ar com força. Viro para ela que me encara só agora percebendo que estou passando mal.

— Me ajuda... — peço — Preciso de água. — digo trêmula lutando pra não desmaiar.

Ela se aproxima com um copo em mãos, mas no lugar de água é suco, assim que sinto o cheiro meu estômago embrulha e ali mesmo coloco todo o café para fora. Com o gosto ruim na boca, escoro na parede sentando no chão pouco antes de sentir a água fria escorrer pelo meu rosto. Verônica virou uma garrafa sobre mim.

— Que houve? Comeu algo que não te fez bem? — parece não saber como agir.

— O cheiro do suco me embrulhou.

— Thay, não é a primeira vez que te vejo enjoada nos últimos dias...

— É ansiedade. — corto.

— Acho que não é só isso... — Senta ao meu lado — Você e o Wesley tem relações sexuais? — questiona me fazendo corar e abaixar os olhos — diga a verdade.

— Sim. — respondo temerosa. Eu nem me atrevo a pensar nessa hipótese. — Acha que... que estou grávida?

Verônica alcança sua bolsa.

— Já estava com essa pulga então ontem comprei — Me entrega duas caixas e sei bem que são testes de gravidez. — iria deixar para depois das apresentações, mas pelo seu estado melhor saber logo.

Preciso respirar fundo várias vezes antes de levantar pegar a caixa e ir até o banheiro.

Que dê negativo, peço repetidas vezes.

Mesmo com as mãos trêmulas faço os testes. Espero poucos minutos até ver as duas barrinhas. Positivo. Eu estou grávida. Estou grávida aos quinze anos. Meu Deus.

— Pela sua cara já sei o resultado. — ela anda de um lado a outro — Vocês não usavam preservativo?

— Às vezes, outras ele gozava fora... não sei como isso foi acontecer...

— As pessoas nunca sabem quando acontece com ela. —brada — Você não menstrua?

— Sim, desceu nos últimos meses o teste pode falhar e...

— Sua barriga já está aparecendo Thaynara. Já deve estar de uns três meses.

— Meu Deus! O que vou fazer agora? — indago em desespero.

— Se você estiver de uns três meses — diz alisando o queixo pensativa — Ainda está no começo podemos dar um jeito nisso.

Olho para as minhas mãos com medo de onde isso vai parar.

— Quer dizer... Tirar? Fazer um aborto? — gaguejo.

— Thay, você está no melhor momento da sua vida... Eu já tinha notado que você estava engordando. Dá para ver sua barriga marcando a roupa e na próxima apresentação estará cada vez mais. É contra as regras uma bailarina grávida por razões óbvias, assim que souberam será desclassificada.

— Eu sei, mas... Não posso fazer isso... — confesso desnorreada. O

cheiro do vômito ainda está no ar e me faz querer vomitar novamente.

— Claro que pode. Pensa Thaynara esse bebê nem está desenvolvido ainda, será rápido, nem vai doer muito. Será melhor que tê-lo aos quinze anos — me segura pelos braços me chacoalhando — Thay é sua chance de sair da miséria, tirar seus irmãos dali, de dar uma boa vida a sua mãe que está em jogo... Essa gravidez você acabou de descobrir não sente nada por esse bebê ainda e ninguém precisa saber. Será nosso segredo.

— Verônica... — sinto um nó na garganta pelo choro — é o meu bebê.... — coloco a mão na boca para acalmar os soluços.

— Outros virão... Posso dar uns telefonemas e resolvemos isso hoje mesmo. Incapaz de falar apenas digo que sim com um aceno cabeça — vai trocar de roupas.

Retorno ao banheiro dessa vez com minha sacola, sento-me no canto da parede e choro abraçada aos meus joelhos.

— Me desculpa filho, perdoe a mamãe por não poder ficar com você, mas se você nascer nossas vidas será ainda mais difícil. Não tenho nada para ti dar e me sinto tão estúpida e irresponsável por deixar acontecer antes do tempo.

Levanto do chão, troco de roupa e como não vejo Verônica saio do lugar segurando minhas coisas. A vejo no carro, cumprimento o segurança antes de adentrar no veículo. O caminho é feito em silêncio, apenas meus pensamentos gritam em confusão. Tento ser racional, pois a emoção deseja ter o bebê que cresce no meu ventre nos meus braços mesmo sabendo que não será fácil.

O carro estaciona em nosso hotel e fico sem entender.

— Preciso de dinheiro vivo, — explica desce do carro, mas eu permaneço pensando enquanto dá tempo, então como se fosse tudo que eu precisava vejo uma mãe brincando com seu filho que parece bem novinho. A cena me faz sorrir e alisar minha barriga. Balanço a cabeça antes de descer do carro segura do que preciso fazer.



— O que faz aqui? — Verônica indaga confusa ao me ver na sala sentada no sofá — Pensei que ficaria no carro, afinal precisamos ser rápidas.

— Não posso fazer isso. Eu quero meu bebê.

— Thaynara de novo isso... É melhor assim. Confiei em mim. Ninguém vai desconfiar de nada.

— Foda-se os outros — grito — Eu vou saber e nunca iria conseguir me olhar sem lembrar, sem imaginar como seria se eu não tivesse tirado, sem pensar como seria o ver crescendo... ou com quem pareceria mais... E tem o Well que é o pai e nem sequer sabe disso. Não fiz sozinha, não quero tomar decisões sozinha e principalmente não quero me sentir um lixo por ter tirado meu bebê sabendo que o desejo.

Ela olha por cima do meu ombro presa em algum tipo de lembrança.

— Não vai quando os aplausos, o sucesso e o público te amando e elogiando chegarem. Quando o dinheiro te der tudo — passa a mão nos cabelos — Acha que nunca fiquei grávida? — questiona me pegando de surpresa — Sim, mais de uma vez, e muitas outras também, mas carreira é agora, oportunidades são hoje... Todas sabíamos o que queríamos ir longe. Eu sempre escolho minha carreira e não me arrependo. Não há nada de errado nisso.

— Pensava isso horas atrás, mas agora para mim há. Essa criança que cresce no meu ventre é mais importante.

— Pensa, não decide nada agora. Verá que é o melhor. É a única saída. Sei que somos parecidas. Ambiciosas.

— Não. Não somos.

— Você só tem duas alternativas: ser mãe com dezesseis anos, morando precariamente numa favela com um garoto sem futuro que vai acabar te deixando ou ganhar o mundo com seu talento. Não dá para ter os dois, se optar pelo bebê adeus futuro brilhante e olá barraco imundo.

— Para...

— Não paro — brada — Você tem que saber tudo que perderá se ter essa criança. E eu também vou perder tudo que investi em você. — grita — Depois de tudo que eu e minha mãe fizemos por você. Para ter uma vida melhor. E advinha? Não vai ter uma vida melhor e seu filho será só mais um que será chamado de vítima da sociedade quando for preso. E você será só mais uma garota de periferia destruída pelo trabalho e filhos...

— Está me deixando louca. — grito entrelaçando os dedos nos meus cabelos.

— Louca você estava quando fez essa burrice — ela pausa — Acha que ele vai assumir? Você acabará com vários filhos de pais diferentes. E pais diferentes porque assim que você contar ele vai te deixar como o pai dele fez. E acabará a mercê de outro. Aí sim, vai se arrepender de ter largado tudo para ser mãe. Pense bem antes de deixar tudo, porque se desistir estará sozinha.

Tentando controlar as lágrimas, o medo e o desespero que suas

palavras me causam. Pego minha bolsa e saio para fora caminhando sem direção em um país que não conheço.

Com a dor exposta pelas palavras dela pego um táxi sentindo ainda as palavras de Verônica me machucando em um momento que já é tão difícil para mim. E fico ainda pior em notar que ela realmente nunca foi minha amiga. Era tudo um jogo.

Eu não sabia o que fazer, o que pensar, nem para onde ir, mas de uma coisa tenho certeza, eu sabia quem eu queria agora.

CAPÍTULO 12



*“Foi pra rua espairecer
Buscar uma solução
Pros problemas que ela tinha
Deu um giro na cidade quando decidi me ver
Bateu no meu portão com lágrimas no rosto”
(Mulher – Projota)*

Caminho como um robô, não queria pensar em nada, nem sei como consegui chegar aqui, nem sei como ainda consigo andar sem tropeçar. Olho para a rua que conheço bem. Era fazendo esse caminho todos os dias que eu cresci como bailarina.

Fico horas na frente da escola de balé, sentada no meio fio, hoje parece que não teve aula. No mesmo lugar vejo o dia escurecer e já nem sei se é o mesmo dia de quando voei para cá ou dia seguinte. Só sei que meu corpo estremece pelo frio e me sinto exausta. Levo a mão até minha barriga pela primeira vez em solo nacional e faço carinho nela, permito-me pensar nessa criança que cresce aqui dentro. Não em tudo que ela pode vir causar. É só um serzinho indefeso que não entende que a mãe não tem como mantê-lo e tudo que terá que abri mão para tê-lo.

Tentando deixar a nostalgia para trás, levanto e caminho em direção para o trabalho de Well. Fica a dez minutos da escola, mas tenho a impressão de ter feito o trajeto em dois dias. Quando finalmente entro na borracharia vejo Wesley sentado em um pneu com um copo de refringente provavelmente, um pedaço de bolo, conversando com mais dois homens. Ver comida faz meu

estômago virar. Entretanto, me sinto aliviada de chegar em um momento sem movimento.

Fico olhando por uns segundos antes de nossos olhos se encontrarem.

— Thay?! — Me encara com surpresa estampada no rosto. — O que... — Corro ao seu encontro me lançando nos seus braços. — aconteceu? O que está fazendo aqui? — questiona me abraçando tão forte quanto eu o abraço.

— Eu... — tento falar, mas um nó se faz na minha garganta e apenas começo a chorar copiosamente.

— Vô pega água *pra* ela — um dos homens avisa e agradeço mentalmente a ele.

— Relaxa. — pede me afastando — *Tá* tudo numa boa agora. — tenta me acalmar colocando o copo com água em minhas mãos.

Tomo todo o líquido bem devagar pensando nas minhas próximas palavras e quando termino de beber ainda fico um tempo olhando para o copo vazio em minhas trêmulas mãos. As palavras de Verônica ecoam em minha cabeça. E se ele realmente me deixar?! Não, ele não faria isso, suas palavras foram apenas duras demais e fora do momento. Sei que devo muito a ela, sei que deveria ter me cuidado para evitar essa situação, mas não era de gritos que eu precisava, eu queria uma amiga que compreendesse minha decisão. A amiga que achei que ela fosse.

Olho para o lado e vejo o olhar preocupado de Well. Aliso seu rosto tentando um sorriso. Os amigos dele disfarçam, mas sei que curiosos prestam atenção em nós. Doidos para saber o que aconteceu.

Respiro fundo buscando coragem.

— Promete que vamos ficar juntos independente do que acontecer?

— Amor... —, pega na minha mão — *Tá* me assustando.

— Promete, por favor.

— Prometo.

Fico de costas para ele com os braços em torno de mim. Olho para cima. Seja o que Deus quiser. É agora ou nunca. Viro-me novamente para Wesley antes de contar.

— Estou grávida, Well.

CAPÍTULO 12



*“Sei que podia ser bem menos complicado
Mas não fosse complicado
Talvez eu nem estivesse aqui pra ver o que isso iria ser”
(Mulher feita – projota)*

Os olhos dele ficam arregalados. E parece tão desnorteado quanto eu ao ter certeza. Passa as mãos pela cabeça deixando o boné cair.

— Grávida! Certeza?

— Sim. — confirmo o abraçando bem apertado. Porque sei o que está passando na cabeça dele, um abraço pode ajudar a não parecer tudo tão “Meu Deus o que faço agora?”

Ele tenta me afastar, mas não deixo.

— Não! Eu quero ficar aqui — digo infantilmente.

— Podem conversar lá nos fundos... Tem um quartinho. — um de seus amigos sugere.

Wesley aceita a sugestão com um aceno, depois me guia até lá indo na frente e isso faz pesar meu coração. Tudo que não preciso agora é que ele me dê as costas.

Entro no quartinho escuro e permaneço de pé. Aqui só tem uma cama de ferro e ele está sentado nela. Se ele quer ficar longe vou respeitar mesmo com o coração sagrando. Ficamos um longo tempo em silêncio, até eu resolver romper com algo que vem corroendo meu coração até fazê-lo sangrar.

— Tudo bem se quiser me deixar...

— Não vou te deixar. — suspira batendo ao lado da cama para que eu sente ali. — Eu te amo, — Segura meu rosto entre suas mãos — isso não vai mudar nunca — cola seus lábios ao meu tentando ratificar suas palavras. — Nem se atreva a pensar isso novamente. — sussurra ainda com os lábios próximos ao meu.

— Desculpa. Estou tão perdida que já não sei o que pensar... — murmuro de olhos fechados — Tenho medo Well.

— Eu também estou com medo, mas vamos dar um jeito.

— Você diz... — pauso tomando folego para completar — Tirar o bebê?

— O que você quiser eu quero. — declara.

— É responsabilidade sua também... O que você quer fazer? — devolvo, mas sobre isso já sei o que quero. Eu já decidi ter meu bebê desde que peguei o avião para voltar para cá. Ainda que isso signifique abrir mão do meu sonho.

— Eu queria que você tivesse o bebê... — sussurra olhando para suas mãos — Posso arrumar mais um *trampo* que eu ganhe mais ou outro *trampo* melhor.

— Sabemos não vai ser fácil assim.

— Sim, mas eu faço uns *corres*...

— O quê? Vivemos de *corres* Well... Pretende começar a vender drogas? Só assim para ter dinheiro. — digo me sentindo derrotada. Não é só minha vida que será revirada com essa notícia e posso estar sendo egoísta quando decidir ter sozinha.

— Claro que não... Eu vou dar um jeito.

Seguro as mãos dele me sentindo sortuda.

— Desculpa... também vou procurar um emprego melhor. — suspiro olhando para nossas mãos juntas — Agora que o sonho acabou.

— Como assim? Desistiu do balé?!

— Sim... Como vou conciliar tudo? Não vou poder fazer o teste barriguda... É contra as regras a participante estar grávida e minha barriga já está marcando...

— Thay, não precisa abrir mão de tudo, outros concursos virão.

— Não quero continuar falando sobre isso.

Vejo que ele vira os olhos, talvez sem paciência, mas não vai discutir

comigo hoje.

— Gostei do que fez no cabelo. *Tá* linda. — Deito a cabeça no colo dele sentindo seus dedos brincarem ali — Vamos ficar bem.

— Preciso ver também como vou pagar para Verônica a passagem de volta. Usei o cartão que ela me deu e agora que não sou nada ela vai cobrar.

— Daremos um jeito nisso. Amanhã será um novo dia e vamos colocar tudo em ordem.

Wesley sorri tocando minha barriga. Beija e deita a cabeça encostada nela. Sozinha ao menos eu não ficarei e não fui a única a amar algo que não viu. Só preciso me reinventar e fazer nascer em mim novamente a esperança junto com o amor pela vida que cresce dentro de mim.

CAPÍTULO 13



*“Sou um admirador das voltas que esse mundo dá
Já nem reclamo mais, eu só espero ele girar
E o mundo que girou pra te levar
Continuou girando até você voltar”
(A voz e o violão - Projota)*

Acordo meio sem saber o que está acontecendo. Toco minha barriga para ver se não foi tudo um sonho e algo dentro de me grita ao ver que realmente não foi. Eu estou grávida e no quartinho onde conversei com Wesley. Procuro com os olhos a presença dele, mas apesar do seu cheiro está no ar, ele não está mais aqui.

Ouçõ minha barriga roncar junto com o som do meu celular vibrando. Pego o aparelho na minha bolsa que estava no chão ao lado da cama e vejo a foto de Verônica brilhar. Fico um tempo olhando entre o verde e o vermelho. Atender ou rejeitar, és a questão.

Opto por atender e resolver logo toda essa bagunça. É preciso limpar o terreno antes de espalhar novas sementes.

— Alô.

— Ao que vejo decidiu-se pelo pior caminho.

— O que deseja? Não quero discutir mais.

— Quero falar com você na minha escola. Vamos colocar os *pingos* nos is.

Mesmo seu tom sendo autoritário e nada amigável, sei que precisamos

conversar, ainda que seja uma conversa difícil.

— Tudo bem!

Eu sei como e o quanto a opinião dela me afeta, mais ainda quando eu preciso de sua atenção. Tornei-me dependente de seus elogios e críticas, eu tenho consciência disso, assim, como sei que a Verônica idealizada por mim não é exatamente o espelho da real.

— Já acordada? — ouço Well indagar a porta do quarto. Em suas mãos há uma bandeja: com bolo, frutas, pães e suco — Ia trazer café, mas a mulher do patrão falou que é melhor evitar cafeína porque é abortiva.

— Obrigada, estou morrendo de fome, mas sucos me enjoam... — coloca a bandeja na cama, já aproveitando para pega um pedaço de bolo e comer — aliás, seu perfume também — digo fazendo ele sorrir.

— É bom ver que está mais animada... — Senta ao meu lado — Quem era no telefone?

— Verônica. Quer conversar comigo.

— Quer que eu vá junto?

— Não. Preciso ter uma conversa definitiva com ela e fazer isso sozinha.

— Brigaram de novo?

— Ela queria que eu... tirasse o bebê para não atrapalhar minha carreira.

— Nem a quantia que a escola ganharia com você caso fosse a vencedora do festival. Confesso nunca ter ido com a cara dela e estava certo.

— Ela também no início me detestava, mas com o tempo nos tornamos amigas, não sei o que aconteceu para ela ficar assim.

— Você se tornou amiga, ela viu oportunidades. Você encantava por onde passava com o balé e tinha aquele negócio de caridade no meio o que dava notoriedade para ela. Lembra da apresentação para um amigo dela logo que entrou na escola de balé? Que rasgou elogios para você e como era impressionante dançar tão bem sem ter tido praticamente aulas nenhuma?

— Sim, foi primeira que eu fiz. Depois disso ele me assistiu várias vezes.

— Pois é, eu notei que foi depois disso que ela se tornou sua amiga. Como ele disse que você iria longe. Um diamante bruto que lapidado valeria muito para quem o lapidou. — Fico pensativa e realmente foi isso. Não acredito que ela estava me usando.

— Você tentou me alertar antes... — Jogo-me sentada na cama —
Como fui ingênua.

— Foi eu quem te inscreveu no concurso, um dia ouvi uma grã-fina
comentar aqui na borracharia sobre isso e fiz.

— Por que não disse?

— Porque você acreditava ter sido Verônica e isso te fazia ter mais
garra para ensaiar e impressioná-la, aí deixei... Só não sabia que a Verônica te
veria ainda mais como seu ovo de ouro. Dá para ler na cara dela que ela quer te
lançar para ela voltar a ser uma grande estrela que acha que foi. Coisa de artistas
fracassados.

Toco em seu rosto com orgulho. Tenho tanta sorte apesar de tudo e não
comento mais estou gostando do jeito como ele vem falando ultimamente
desconfio que vem lendo mais escondido de mim.

— Obrigada por tudo. Vou mais segura falar com ela.

— Só não deixa ela te humilhar.

— Não vou deixar. Nunca mais ninguém fará o que ela fez comigo. —
coloco minha mão envolta do seu pescoço — Eu te amo muito mais agora. Por
estar sempre me amando e apoiando. — Well alisa meu rosto antes de sua boca
encontrar a minha em um beijo lento, mas intenso de sentimento.

O que sentimos é muito intenso para ser amor adolescente. É algo
maior e mais maduro que nós dois.

CAPÍTULO 14



*“Tava perdido aqui, cê veio me salvar
Eu sou um eterno aprendiz, você me dá uma aula
É uma canção da Adele, me acalma
Eles querem coisa de pele,
A gente tem coisa de alma”
(Linda – Projota)*

Antes de ir conversar com Verônica a noite, tomei coragem para ir em casa. Wesley me acompanhou para mostrar que acontecesse o que fosse ele estará ao meu lado.

Assim contei para minha família, aliás, assim que me viram, a primeira reação foi choque, mamãe chorou muito imaginando nosso futuro e como seria ter mais uma boca para sustentar, mas no fim me apoiaria em tudo e disse que daremos um jeito como sempre fizemos. Acabei emocionada também e fiquei a tarde quase toda em uma *lan house* procurando emprego para Well. Selecionei alguns, que não precisava de especialização ou cursos, e mandei currículo.

Tentei arranjar um novo para mim porque sei que Verônica vai fazer a cabeça da minha antiga patroa até ela me demitir, grávida não será fácil, mas vou tentar sempre.

Quando deu sete horas fui ao encontro de Verônica. Ela já estava sentada na sua sala de diretora mexendo em alguns papéis. Entrei de supetão, sequer a cumprimentei para demonstra que não quero mais reatar nossa amizade.

— Estou aqui.

— Exijo que devolva o cartão de crédito — jogo o cartão sobre a mesa. Já fui preparada para isso. — A fatura de seus gastos você que irá pagar e peça o desligamento de tudo que fiz para você e todo o investido.

— Como assim?

— Você era um investimento Thaynara — explica colocando as garras de fora — e não me deu retorno quero o investido de volta. Ou acha que continuará desfrutando das regalias que eu te dava?

Minha vontade era de comunicar que quem pediu para ela me auxiliar foi a mãe dela, e que tudo foi feito por Dona Katia também, mas não queria brigas. Eu daria um jeito nisso depois.

— Tudo bem irei pagar o que te devo, deixar de frequentar suas “aulas” ... Mais alguma coisa?

— Não só essa escola, o colégio também e sair do emprego.

— Não vou deixar o colégio, sua mãe intermediou, mas eu conseguir a bolsa com uma boa nota e por minhas ideias... O mesmo para o emprego. Só saio se ela me demitir.

— Hum vejo que está valente agora... Pode ficar terá que sair quando for mãe mesmo. Ainda vai se arrepender por essa decisão.

— Problema meu.

— Eu lamento tanto por você jogar tudo fora assim...

— Já terminou?

— Sim. Aqui está o papel do que me deve.

— Então estou de saída, não quero ouvir seus lamentos guarde para quando estiver sozinha em sua casa. — Pego o papel da mesa, sem esperar por resposta, saio da sala. Vou precisar começar novamente, mas que se dane tudo.

Assim que saio vejo Well do lado de fora me esperando para irmos pra casa como sempre fez desde o primeiro dia e posso dizer, até o último. Sorrio para ele percebendo meu sorriso refletir em seu rosto. Não falamos nada apenas nos abraçamos, nos olhamos e ficamos assim por um bom tempo.

— Falei que não precisava vim me buscar.

— Eu sei, mas percebo quando é sua boca falando e não o coração. Não esquece que eu te conheço antes mesmo da primeira semana de vida. Eu estava presente quando sua mãe disse está grávida de você e mesmo que não lembre, minha mãe contou que eu fui o mais empolgado com a notícia, sei que já estava tudo escrito; ficaríamos juntos, nos casaremos e teremos nosso filho e nosso amor vai durar enquanto houver vida em nós. A minha ideia pode está na

ordem errada, mas é assim que será.

— Se depender de mim será exatamente assim; enquanto houver vida. — olho em seus olhos e notando que tudo isso não vai passar de um quebra-molas em nosso caminho que o destino continuará o mesmo. Dessa vez seguirmos com mais um passageiro, uma benção, que trará muita alegria para nós dois.

Desvio o olhar para o lado, antes de começarmos a andar até o ponto de ônibus e dou uma última olhada para o letreiro da escola.

Vivi, cresci e aprendi muito aqui, mas agora é hora de aprender, seguir e viver coisas novas. Em outros lugares com novas oportunidades, no entanto sem nunca me desviar do objetivo de ter tudo aquilo que eu lutar para conquistar. Sorrio de repente entendendo que não preciso desistir de tudo. Que no meu coração jamais desistirei e é ele que vou ouvir.

CAPÍTULO 15



*“Vai, vai lá
Não tenha medo do pior
Eu sei que tudo vai mudar
Você vai transformar
O mundo ao seu redor”
(Moleque de vila – Projota)*

— Uau é muito número. Não sei nem pronunciar isso aqui. — Wesley exclama olhando a quantia que devo a Verônica.

— Nem sei como vamos pagar...

— Poderíamos fazer uma vaquinha na internet. — Well sugere sentando ao meu lado no chão.

— Licença... — uma voz bastante conhecida nos interrompe adentrando na minha casa. Dona Kátia. — Thay sua mãe me contou dos seus problemas e quero demonstrar minha solidariedade. Pode contar comigo e o que decidir te apoio. Você foi imprudente, mas não merece ser desprezada por isso.

— Obrigada — levanto para abraçá-la.

— Desculpa, minha filha eu a pressionei muito. Por isso virou esse ser humano frio, mas vou falar com ela e mandar parar com essa besteira, e óbvio que você pode continuar na escola e não me deve nada. Sua aula continuará com Ângela, nem precisa ver a Veh.

— Agradeço, mas da escola eu prefiro sair.

— Como quiser. — aperta minhas mãos — O emprego também

continua sendo seu e se eu for à madrinha do bebê não faltará nada para ele. — Brinca rindo.

Abraço-a novamente dessa vez emocionada. Mais uma vez ela me estende a mão e eu aceito. Como já devo muito a ela não peço dinheiro para pagar o valor da passagem nem para as novas passagens, porém assim que conto que resolvi dançar no teste no sábado mesmo grávida ela logo se oferece para levar todo mundo em um avião particular de um amigo.

Minha felicidade nem cabe no peito, principalmente quando ela diz que irá ajudar Well a arrumar um emprego melhor. Que sozinha eu nunca vou estar.

Parecia que tudo daria errado e as coisas fluem novamente. Mais uma vez na minha adversidade conheci os verdadeiros e mais uma vez descobri que os planos de Deus muitas vezes são maiores, melhores que os nossos e que o futuro sempre explica o passado. Quando tudo parece perdido é para tudo voltar a dar certo. A tristeza está aí para nunca esquecermos como é bom sorrir.

Quando dona Katia vai embora à felicidade que me trouxe permanece servindo de alimento para os meus sonhos.

— Viu como nada te impede de se apresentar? — Well comenta.

— Eu não vou passar...

— E daí? É só uma chance perdida outras virão, ao menos tentou e a garota que amo pelo menos tentaria. Por que ela nunca aceitou os não da vida... e ela dançava só para mim por amor ao balé. Dance sem pensar no prêmio só porque você ama.

— Verônica vai fazer de tudo para a mãe desistir de me ajudar...

— Não. Essa coxinha não vai te impedir de ser você. Thay. Volte a ensaiar na sala lá de casa enquanto eu te admiro. É só o que precisa. — Segura minhas mãos. — Lembra da bailarina da caixa de música? Mesmo com o pé quebrado ela ainda dança. Vai ser difícil, não ganhará o concurso, mas se apresentou para uma plateia cheia de gente que vive seu sonho também. Não gosta de exemplos? Seja um para meninas no mesmo estado que o seu. Mostre que não é o fim. Tentar é o primeiro passo.

Deito a cabeça escondendo o rosto na curva do ombro dele com um sorriso ensaiando florescer.

— Por isso que te amo. Sempre diz a coisa certa.

— Eu amo e admiro você demais e tudo dá certo quando não desistimos.

— Sim... — deito a cabeça no peito dele que faz carinho na minha barriga. — Preciso fazer exames. Pré-natal essas coisas.

— Amanhã vamos ao posto marcar e depois vamos para os EUA. Temos que chegar bem antes do teste e faltam poucas horas.

— Estou nervosa, mas confiante.

— Se der errado dance sorrindo que eu estarei na plateia te aplaudindo cheio de orgulho. Ninguém nem notará que errou. — beija minha testa. — Vou lançar a vaquinha para comprar as coisas do bebê. Não esquece que te amo.

— Nunca, porque também te amo.

Todo empolgado ele sai para a *lan house*. Como já era tarde fui dormir pensando que tudo estava dando certo, porque era o certo. Por um momento achei que não era para ser, mas agora tenho certeza de que nasci para dançar com o corpo e a alma. Nasci para ser bailarina.

CAPÍTULO 16



*“Te quero em todos sentidos imagináveis
com todos os seus sentidos inigualáveis
Eu nem conheço amores inabaláveis, mas sou guerreiro
e vou lutar pra que o nosso seja o primeiro!”
(Até o final – Projota)*

Acordo com batidas na porta, caminho ainda sobre o efeito do sono. E fico meio assustada ao ver a professora de um dos meus irmãos.

— Aconteceu algo com meu irmão? — questiono sentindo meu coração martelar descompassado em preocupação.

— Bom dia... Sim aconteceu algo, mas não com seu irmão. É sobre você — Ela estende um envelope sem dizer mais nada e mesmo confusa pego e vejo que está pesado. Quando abro vejo uma grande quantia de dinheiro.

— O que é isso?

— Seu irmão comentou para alguns colegas sobre a situação de vocês e todos nós estávamos muito orgulhosos de você. Vimos seu vídeo dançando nos Estados Unidos. Todas as crianças se sentiram inspiradas por você, hoje há várias delas sonhando com balé e ser como você. Então nós, pais e mães, da comunidade resolvemos nos juntar e te ajudar a continuar com seu sonho. Cada um contribuiu com o pouco que podia, como sabe a realidade aqui é precária, mas foi de coração.

— Eu... Eu não sei o que dizer.

— Não diz nada. Vai lá e arrasa. Estaremos aqui te assistindo e nos

orgulhando de você. É difícil vencer na vida Thay, é difícil não pegar o selo que nos impõem e vesti-lo, e fico tão feliz quando vejo jovens como você nadando contra a maré do preconceito... Você é tão forte que merece tudo de bom.

— Obrigada. — Agradeço chorando.

Recebo, pois, é de coração e é dinheiro suado. Recebo com um sorriso no rosto, lágrimas rolando e o coração cheio de gratidão por notar como bondade e maldade independem de cor, religião e classe social.

A campanha havia viralizado rapidamente com os compartilhamentos dos jovens da comunidade, do meu colégio e da escola de balé. Todos estavam contribuindo de alguma forma, até pessoas que nunca me viram na vida. No início da tarde eu já tinha uma quantia considerável e que parecia não parar de crescer.

Recebi abraços e conversei com muitas meninas, depoimentos de meninas que ficaram grávidas na adolescência e tiveram o rumo de suas vidas mudados, umas largaram tudo por não conseguir conciliar, outras que optaram por não ter e outras que conseguiram seguir com a vida e prosperar mesmo tendo o filho. Havia aquelas que não tiveram sorte de ter um bom homem ao seu lado ou a família e as que tiveram todo apoio do pai e da família e o que mais me emocionou foi que todas pareciam me admirar.

Eu não sabia o que fazer além de chorar, pois muitas delas eu acabei admirando e a cada história me inspirava a continuar. Cada olhar significava muito para mim. Cada palavra era um refrigério para minha alma.

No fim do dia eu já tinha o suficiente para o enxoval — fora as roupinhas unissex que ganhei — e para pagar Verônica e foi o que fiz. Depositei para não ter que vê-la. Tentei fazer exames, mas não conseguir a consulta então marquei para dois dias após minha apresentação, não poderia adiar a viagem ou perderia a chance.

Dormir foi o mais difícil, mas conseguir fazer isso abraçada com Well me sentindo tão sortuda e ao mesmo tempo triste, pois sei que não serão todas que vão ter esse apoio que eu tive. Nem todos vão encontrar tanta gente boa no caminho e por isso acabam desistindo. Claro que eu deveria ter me cuidado, Well e eu fomos irresponsáveis e estar feliz não anula isso, mas fica como exemplo para fazermos tudo sabendo das consciências e principalmente ouvir conselhos dos pais. Nós achamos que podemos tudo, mas é para eles que corremos quando dá merda e fico feliz por minha mãe só ter dado uma bronca e no fim me acolhido como uma filha que erra, mas sabe se arrepender e ser responsável quando o nó aperta.

Somos fruto das escolhas que fazemos e das atitudes que temos, sejam elas ruins, sejam elas boas.



Olho pela janela do carro a caminho do auditório onde me apresentarei. O voo não foi dos mais tranquilos tive enjoos, porém ouvir Projota dividindo o fone de ouvido com Wesley ajudou a me manter mais calma. Só que agora o frio na barriga está enorme não sei como vou encarar todos sabendo que vou dançar uma releitura da coreografia que deu vida ao meu sonho e foi feita por mim quando tinha apenas treze anos e pior sabendo que vão me reprovar por eu estar grávida e que não ouvirei aplausos uma vez que é contra as regras. Eu sabia que seria assim quando decidi vim, só que não sei como será viver.

Assim que desço do carro sou guiada até uma sala onde junto com todas as outras meninas sou maquiada e cuidada. Ângela, minha professora que faz essa tarefa com maestria.

Estou ainda com um robe cobrindo minha roupa e principalmente disfarçando minha barriga. Ainda que esteja pequena pode levantar suspeitas. Quando Ângela acaba me olho no espelho e diferente da outra vez. A maquiagem é leve, apesar de ter mais glitter que na primeira apresentação. Tem glitter até no meu cabelo. Ele dessa vez não só está com a frente trançada como a parte de trás também, as tranças são embutidas. Apenas o meio ficou preso em um coque puff bem estiloso.

— Está linda. — ouço Wesley dizer, logo após ouço meu nome ser chamado ao palco. Serei a primeira. — Boa sorte — beija minha testa.

Ainda insegura caminho até o meio do palco. Fico parada olhando todos e foco naqueles que me importam. Minha família.

Tomo a primeira posição no chão. O início todo praticamente é no chão e com o robe de cetim. Apenas perto do fim da apresentação, eu retiraria e deixaria todos verem minha barriga que ficava evidente no vestido collant rendado rosa que eu vestia. Eu finalizaria alisando-a.

Deixo as notas fluírem e dancei entre risos e lágrimas. A todo momento meus olhos encontravam os de Wesley que gravava tudo e os de minha mãe. Ambos brilhavam de admiração.

Quando levantei tirando o robe e a barriga apareceu vi expressão de espanto, murmuros, entretanto dancei a música até o fim. Quando terminei rompendo o protocolo teve palmas, gritos. E mais lágrimas. Todos sabiam que

aquela apresentação era simbólica para mim e imagino que tenha admirado minha coragem.

Olhando a plateia me aplaudir de pé. Eu me senti a melhor. Senti-me feliz. Indestrutível. Senti-me mãe.

Deixo o palco ainda sobre forte aplauso e ali, nos bastidores Wesley me espera com as mãos no bolso, sem o boné costumeiro e seu sorriso largo de quando me ver.

Enquanto caminho até ele, lembro-me de quantas vezes eu saia cansada da aula e ele estava me esperando para juntos irmos para casa. Não importava se era um dia de chuva ou de sol. Ou se seu dia foi bom ou ruim lá estava ele sempre me aguardando. E eu me sentia saindo de mais uma aula indo para casa. Essa não era a última vez que uma plateia tão grande me ovacionava. Era só a porta de entrada e me permito lembrar de meu pai sentindo meu corpo arrepiar. Onde estiver, seja lá onde for aposto que ele foi o que mais me ovacionou.

Jogo-me nos braços do meu amor e ali fico sentindo o cheiro natural dele e o calor de seu corpo me lembrando de que é em seus braços que amo estar. Que eu posso até ir, mas aqui é o meu lugar.

FIM

EPÍLOGO



*“A vida é sacrifício, fechar os olhos e se entregar
No início é difícil, mas vai se acostumar
O sofá é um péssimo vício, vai te acomodar
Eu prefiro um precipício pra me ensinar a voar”
(Foco, força e fé - Projota)*

Dois anos depois

— Vini — chamo o menininho que engatinha ainda que já saiba andar. Ele é a cara do Well. Observo meu bebê vir em minha direção falando naquele idioma de bebê misturado com português que parece que só os pais compreendem.

Pega na minha saia e fica de pé. Estou preparando o almoço para quando o pai dele chegar do trabalho. Nós nos mudamos da comunidade pouco antes de Vinicius nascer. Wesley havia conseguido um emprego de carteira assinada como garçom e o dono por uma pequena quantia mensal nos permitiu ficar na casa ao lado do restaurante que também é dele. É uma casa pequena, porém aconchegante e bastante bonita.

Pensei que quando chegasse o dia de ir embora da comunidade eu ficaria feliz por deixar tanta necessidade básica para trás, mas não foi o que aconteceu. Apesar do lugar em si e da violência o povo ali fazia parte de mim e sempre fará. Mesmo com tudo eu tenho orgulho das minhas raízes e consciência de que meu passado fez quem sou hoje por mais difícil que tenha sido.

Claro que eu trouxe minha família toda para morar comigo. E fiz a única profissão da minha mãe me ajudar com o neto quando não posso. Quando tenho apresentações de balé ou qualquer outro compromisso que não possa levá-lo, de resto ela não precisa trabalhar fora, assim como meus irmãos, esses só estudam e são crianças. Como deveria ser.

O meu antigo barraco juntei com o de Wesley e improvisei uma escolinha. Durante a manhã é uma escola comum para crianças, a tarde a magia acontece e vira uma escola de balé e instrumentos musicais totalmente gratuita para alimentar o sonho de dezenas de crianças todos os dias.

Quando me apoiaram para que eu fosse fazer o teste mesmo estando grávida e principalmente quando todos da comunidade fizeram meus vídeos bombarem na internet eu não tinha dimensão do que aconteceria, o quão eu poderia fazer para retribuir tudo que ganhei de graça e tudo que veria a seguir.

Ganhei uma bolsa para uma das melhores escolas do Brasil e aceitei, eles me impulsionaram a fazer pequenas apresentações em teatros, programas de tv e congressos no Brasil inteiro e até mesmo nos EUA. Lá tenho meus próprios fãs. Muito chique e me sentia uma Daiane dos Santos com um Q da Ana Botafogo ainda que não seja famosa.

Verônica até tentou reatar a amizade quando viu o que perdeu, mas foi impossível. Não por eu está magoada com ela, mas sim por seus pensamentos que com o tempo não deixaram de serem racistas disfarçados de opinião.

Volto a prestar atenção no meu filho e lembro como foi difícil no início, aprender a cuidar dele e a dividir meu tempo em ser bailarina, mãe de menino, esposa do Wesley e dona de casa, até hoje ainda me sinto um polvo. Ainda não casamos na igreja, só passamos a viver juntos, mas isso já é um casamento.

Pego meu filho no colo pensando que não virei a melhor ou a maior bailarina do mundo, porém me sinto como se fosse. Não existe nada mais gratificante do que viver fazendo o que ama, mesmo que seja em uma vida humilde.

— Cadê a melhor mulher do mundo? — Well chega de surpresa, enquanto seguro nosso filho em um braço e com outro mexo a panela. Ele beija meu pescoço. — Já disse como está linda hoje?

— Já, antes de ir trabalhar.

— Não custa ratificar. Você está linda hoje — Pega Vini no colo roubando um beijo meu — E aí meninão?

— Dá um banho nele depois do almoço, preciso dá um pulo lá na

escolinha.

— Ok! Mas amanhã é dia do meu curso e não vou poder ficar com ele a noite.

Wesley decidiu tentar medicina. Está estudando muito para conseguir uma boa nota para entrar como bolsista. Pode levar anos, mas sei que um dia ele será um doutor.

Mamãe foi outra que voltou aos estudos e hoje sonha em escrever um livro, já vi seus manuscritos e ela é boa. Falta um pouco mais de instrução acadêmica, pois talento ela tem de sobra.

— Amanhã vou dançar, tenta ir depois do curso, tem entradas em cima da mesa.

Well vai a quase todos os meus shows às vezes a ensaios também diz que é sempre uma honra ver a melhor bailarina dançar e me contento em ser a melhor apenas para ele.

— Irei sim. Amo ver você dançar, aliás, amo você — Sorri quando eu reviro os olhos. Provavelmente lembrando-se de quando digo que ele às vezes é meloso, só não digo que o amo quando ele é assim.

— Também te amo — acabo dizendo para ver um sorriso ainda maior partir dele.

Não me arrependo das escolhas que fiz, principalmente de ter tido meu filho. A garota que foi escolhida no festival hoje tem uma carreira brilhante, às vezes me perguntam se me arrependo, pois poderia ter sido eu, mas jamais me arrependi. Basta olhar os homens da minha vida e... não troco isso por fama alguma.

Aprendi que tem coisas na vida que acontecem ao acaso e têm coisas da vida que ocorrem e te colocam no limbo apenas para te levar a uma glória que chega a ser difícil de explicar. Aquelas que vêm para nos torna mais fortes.

Com o tempo a gente aprende que é necessário ter tempestade antes da abundância. Precisa ter dor antes de alcançar a felicidade. Que é inevitável a luta antes de alcançar a vitória. Que é vital sonhar antes de realizar.

No início eu disse que: para uma garota negra de comunidade talvez realmente fosse impossível e inimaginável alcançar seus sonhos, mas aqui quero dizer que nada é impossível e inimaginável não importa qual a sua realidade ou o tom da sua pele...

Simplesmente sonhe!

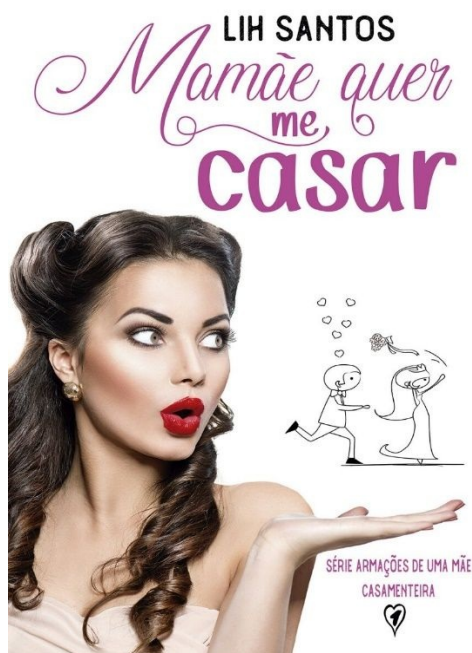
Sobre a Autora

No facebook: <https://www.facebook.com/LILLYKISSCHRIS>
<https://www.facebook.com/LihLendoeEscrevendo/>

No wattpad: <https://www.wattpad.com/user/Lihezzy>

No Instagram: https://www.instagram.com/lih_autora_santos/

Outras Obras



Mamãe quer me casar: <https://amzn.to/2AVd6bi>

Sinopse: Primeiro livro da Série Armações de uma Mãe casamenteira.

Belly tomou as rédeas de sua vida desde que seu pai morreu quando ainda era uma adolescente, deixando ela, sua mãe e seus irmãos na miséria. Apesar de viver frustrada profissionalmente, pois seus sonhos foram sepultados pela necessidade de sustentar a família, ela acredita estar feliz.

No entanto, mesmo ela conformada com o rumo de sua vida, sua família não está contente em vê-la tão resignada e para isso, arquiteta uma viagem para que ela encontre a ex-turma de colégio a fim de fazê-la se divertir e, quem sabe, conhecer algum rapaz para, enfim, casar.

Contudo, ela não poderia prever tudo que estava reservado para sua vida com essa viagem.

*Este livro contém cenas proibidas para menores de 18 anos.



Operação não caso: <https://amzn.to/2Mnq9Xd>

Sinopse: Telly como a segunda mulher mais velha da família Oliveira, se vê na situação que tanto temia: sua vez de casar. E como se não fosse o bastante, tudo parece piorar ao receber duas notícias que lhe colocarão em frente a dois caminhos opostos que podem mudar drasticamente a sua vida, interferindo nos seus planos para o futuro.

Se sentindo encurralada, ela faz de tudo para evitar um casamento que julga forçado, sabotando os planos de casamento de sua progenitora.

Telly só não esperava que mais uma vez sua mãe estivesse mexendo no destino de uma das filhas.

CONTEÚDO ADULTO (PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS)

Segundo livro da Série Armações de uma Mãe casamenteira.

*Esse livro pode ser lido sem ter tido contato com o primeiro. São histórias independentes.